

ISSN 0104-0073
eISSN 2447-7443

DOI 10.25188/FLT-VoxScript(eISSN2447-7443)vXXVI,n.1,p31-75.GJF
Licenciado sob uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações 4.0 internacional



SACERDÓCIO UNIVERSAL DOS CRISTÃOS E MINISTÉRIO DA IGREJA. APRECIAÇÕES BALIZADAS NA TEOLOGIA DE MARTINHO LUTERO¹

Universal Priesthood of Christians and Ministry of the Church. Assessments marked out in the theology of Martin Luther

Gerson Joni Fischer²

RESUMO

Aprecia-se o entendimento do reformador Lutero acerca do tema do *Sacerdócio Universal e Ministério da Igreja*. Emergem os serviços que a igreja ordena para o seu funcionamento unicamente do sacerdócio comum aos que creem? A hipótese deste artigo ausulta **não** ser possível encontrar justificativa que ateste outro fundamento para o ministério eclesiástico.

¹ Artigo recebido em 21 de fevereiro de 2018 e aprovado pelo Conselho Editorial em 30 de março de 2018, com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*. O presente trabalho baseia-se nas palestras apresentadas na Conferência Ministerial Plenária da IERP – Igreja Evangélica Rio da Prata, em Eldorado, Província de Misiones, Argentina, entre os dias 25 e 26 de abril de 2017, tendo sido revisado e ampliado para fins de publicação.

² Doutor e Mestre em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST), São Leopoldo, RS. Professor de pós-graduação em programas *lato sensu* da Faculdade Luterana de Teologia (FLT), São Bento do Sul, SC. e professor de graduação na Faculdade de Teologia Evangélica (Fatev), Curitiba, PR. Pós-Doutorado em Berlim, Alemanha, abril a novembro de 2010. Ênfase da pesquisa: neurociências e neurofilosofia. Grande área: Ciências Humanas/ Áreas: Filosofia e Teologia. Local da Pesquisa: Humboldt University of Berlin. Apoio: Dr. José Raimundo Facion. Bolsista da: Evangelische Kirche in Deutschland. Contato: gersonjf@hotmail.com

O sacerdócio dos cristãos advém do sumo sacerdote Jesus. É dádiva, por Deus instituído para o seu louvor; é participação no ministério de reconciliação. Ser cristão corresponde a nascer sacerdote pela fé: realidade que se inicia na presença de Deus, para então realizar-se entre as pessoas. Na teologia de Lutero, o assunto abre possibilidades para se refletir a respeito da organização da vida e trabalho da igreja. O ministério atribuído a determinadas pessoas não comunica às mesmas poder superior, pois o serviço de apoio mútuo à vivência da fé não é limitado a estas. A única fronteira do ministério é a que promove a vida em comunidade. Sacerdote em serviço é o cristão ensinado por Deus a viver em liberdade, integrado a um círculo exortativo comunitário. O propósito da igreja, segundo o Novo Testamento, deveria sempre voltar-se à multiplicação dos ministérios. A Palavra que foi confiada por Deus a todos e por estes é anunciada, necessita, porém, de uma ordenação de pessoas específicas para promovê-la. Quantos forem necessários devem ser escolhidos para assumir funções ministeriais. Trata-se de exigência de ordem. Mas afinal, o ministério da Palavra foi confiado à igreja toda ou somente a alguns? Sustenta-se não haver contradição no pensamento de Lutero, pois toda espécie de ministério emerge do *Sacerdócio Universal*: o serviço de todos demanda o de alguns em nome dos demais. A evidente tensão necessita ser mantida e pode ser proativa, pois o ministério de uns é o mesmo atribuído por Deus para toda a igreja. Oração e exortação mútua se apresentam como caminho para que o ministério não seja transformado em campo de conflito e em desiderato, uma manifestação dos nefastos desejos que se escondem na natureza humana.

Palavras-chave: Sacerdócio Universal. Ministério da Igreja. Doxologia. Exortação mútua. Ordenação e multiplicação de ministérios.

ABSTRACT

We appreciate the understanding of the reformer Luther on the theme of the Universal Priesthood and Church Ministry. Do the services that the church ordain for its operation only arise from the priesthood common to those who believe? The hypothesis of this article is auscultated that it is not possible to find justification that establishes another foundation for the ecclesiastical ministry. The priesthood of Christians comes from the high priest Jesus. It is a gift, by God instituted for his praise; is participation in the ministry of reconciliation. To be a Christian corresponds to being born a priest by faith: a reality that begins in the presence of God, and then takes place among people. In Luther's theology, the subject opens possibilities for reflection on the organization of church life and work. The ministry attributed to certain people does not communicate to them a higher power, since the service of mutual support for living the faith is not limited to them. The only boundary of the ministry is that which promotes community life. Priest in service is the Christian taught by God to live in freedom, integrated into an exhortative community circle. The purpose of the church, according to the New Testament, should always be to multiply the ministries. The Word that has been entrusted by God to all and by them is announced, but needs a specific ordination of people to promote it. How many are needed should be chosen to take on ministerial functions. This is a requirement of order. But after all, was the ministry of the Word entrusted to the whole church or only to some? It is maintained that there is no contradiction in Luther's thought, since every kind of ministry emerges from the Universal Priesthood: the service of all demands that of some in the name of others. The obvious tension needs to be maintained and can be proactive, for the ministry of some is the same as that assigned by God to the whole church. Prayer and mutual exhortation

present themselves as a way for the ministry not to be transformed into a field of conflict and desideratum, a manifestation of the nefarious desires that are hidden in human nature.
Keywords: Universal Priesthood. Ministry of the Church. Doxology. Mutual exhortation. Ordination and multiplication of ministries.

No presente trabalho aprecia-se o entendimento que Martinho Lutero teve acerca do tema do *Sacerdócio Universal dos Cristãos*, de inspiração bíblica. Tem-se consciência de que o assunto tem sido visitado inúmeras vezes desde o evento da Reforma do século XVI e, tal, por intermédio de distintos olhares. Publicações a esse respeito são fartas em número. Aqui, a intenção é compreendê-lo por sua aproximação com outro tópico, que lhe é congênere: o *Ministério da Igreja*, a saber, o serviço que esta se propõe a oferecer com base na vocação a que se crê comprometida. É deste modo que se reage às indagações que são dirigidas a este tema no tempo presente.

Tem-se por finalidade um resgate sistemático e histórico da matéria, o que encerra por si só tarefa exigente. Entretanto, esta é ainda mais complexa, uma vez que o recorte temático proposto integra divergências que vêm de longa data. Emergem, para Lutero, os diferentes serviços que a igreja necessita organizar e ordenar para avaliar seu funcionamento efetivo e harmonioso unicamente do sacerdócio que é comum a todas as pessoas que confessam a fé cristã? Ou possuem estes ministérios ainda outro fundamento, conferindo um lugar de destaque aos que os exercem no corpo eclesiástico? Aqui, se segue de perto a hipótese de que não é possível encontrar, neste reformador, justificativa que ateste outro fundamento para o ministério da igreja cristã, em toda a sua variedade e amplitude, que se situe à parte ou mesmo acima do princípio do *Sacerdócio Universal*. É somente assim que se pode resistir ao que, historicamente, reaparece permanentemente na prática ministerial da igreja, a saber, encará-la e transformá-la em um desiderato, um obsessivo objeto de desejo pessoal.

Sacerdócio Universal e *Ministério da Igreja* se apresentam como facetas de uma mesma temática, como manifestações da dinâmica que caracteriza a essência, a presença e o agir da igreja no mundo, advindos de um único testemunho bíblico fundante: o sacerdócio de Jesus Cristo. A apreciação proposta, assim delimitada, se oferece como *modelo de referência*³, passível de aproximações

³ BOSCH, David J. **Missão transformadora**. Mudanças de paradigma na teologia da missão. São Leopoldo: Sinodal, 2002; KÜNG, Hans. **Theologie im Aufbruch**. Eine

fecundas com os desafios teóricos, práticos e vivenciais contemporâneos que lhe são peculiares.

Há, de fato, um só sacerdócio e, a rigor, um só ministério, que consiste em *testemunhar* em palavra e ação o evangelho de Jesus Cristo, para o louvor de Deus em meio a suas criaturas. Para arguir a esse respeito, na perspectiva da teologia de Lutero, estrutura-se o presente artigo em duas seções. No primeiro destes, propõe-se uma breve discussão sobre as razões do uso de linguagem metafórica de parte do reformador ao versar sobre o tema.

Já na segunda seção, a mais extensa e central para o presente trabalho, se narra dos acentos e interações que o reformador intuiu do ensino bíblico acerca do *Sacerdócio Universal* e do *Ministério da Igreja*. A saber, destacam-se as razões que balizam o sacerdócio comum de todos os que creem no supremo sacerdócio de Cristo e sua relação com os ministérios a serem organizados e ordenados no contexto do corpo cristão, agregando-se também considerações acerca das disputas que este precursor do movimento protestante enfrentou em função de sua radical dissonância com a compreensão e prática do sacerdócio dominante em seu tempo.

A natureza do trabalho aqui apresentado não é apenas revisional, uma vez que a aproximação dos conceitos de *Sacerdócio Universal* e *Ministério da Igreja* na teologia do reformador Martinho Lutero confere à temática, necessariamente, um elemento de originalidade. O seu tratamento envolve um problema de pesquisa que prossegue em debate. É exploratório quanto à metodologia, uma vez que, com a apresentação de seus resultados, tem-se por objetivo o “aprimoramento de ideias e a criação de maior familiaridade com um problema para poder torná-lo explícito, ou ainda criar novas hipóteses”⁴, sendo, no presente artigo, proposto por meio de exames de bibliografias nacionais e estrangeiras recentes e mais antigas.

1 O USO DE LINGUAGEM METAFÓRICA NA ARGUMENTAÇÃO DE MARTINHO LUTERO ACERCA DA TEMÁTICA DO SACERDÓCIO UNIVERSAL

A linguagem utilizada por Lutero para pronunciar-se acerca do

ökumenische Grundlegung. 2. ed. München und Zürich: Piper , 1992.

⁴ METRING, Roberta Araújo. **Pesquisas científicas:** planejamento para iniciantes. Curitiba: Juruá, 2009, p. 61.

sacerdócio que é comum a todos os que creem é *metafórica* e tem origem no Antigo e no Novo Testamento. Destacam-se em seu uso passagens bíblicas retiradas do Novo Testamento⁵, a exemplo da que é retratada em Apocalipse 5.9-10: “Digno és de tomar o livro e de abrir-lhe os selos, porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação e para o nosso Deus os constituíste reino e sacerdotes; e reinarão sobre a terra.”⁶.

Consiste em tarefa interpretativa permanente aproximar a linguagem metafórica ao sentido mais exato do que, em circunstância dada, se intencionou comunicar, considerando sempre a pessoa que desta faz uso em contexto que lhe é próprio. Cabe destacar que não é correto confundir esta espécie de comunicação com a alegoria, uma vez que esta última, em seu modo de constituir narrativas, não se sustenta, via de regra, em fatos e acontecimentos históricos. Porém, não é também possível e nem apropriado que se elimine o raciocínio imaginativo ao se proceder a comentários por meio do uso de metáforas. Lugares e épocas sempre distintos demandam que se destaquem nuances implícitas que podem, circunstancialmente, estar adormecidas ou que foram mal compreendidas. No que diz respeito ao tema *Sacerdócio Universal*, que aqui se oferece como *modelo de referência* para a compreensão da mensagem cristã e da dinâmica intrínseca ao modo de ser e agir da igreja, é possível afirmar que Lutero entendia ser inadequado e inconveniente tornar hermético este recurso de linguagem por meio de objetivações ao extremo. Para o reformador, os termos *sacerdote* e *sacerdócio* encerravam todo o mistério

⁵ As principais obras de Martim Lutero trabalhadas no presente artigo são as seguintes: LUTERO, Martinho. À Nobreza Cristã da Nação Alemã, acerca da Melhoria do Estamento Cristão. In: **Obras Selecionadas:** o programa da Reforma: escritos de 1520. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 1989, v. 2. LUTERO, Martinho. Como Instituir Ministro na Igreja. In: **Obras Selecionadas:** Vida em Comunidade: Comunidade – Ministério – Culto – Sacramentos – Visitação – Catecismos - Hinos. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 2000, v. 7. LUTERO, Martinho. Direito e Autoridade de uma Assembleia ou Comunidade Cristã de Julgar toda Doutrina, Chamar, Nomear e Demitir Pregadores – Fundamento e Razão da Escritura. In: **Obras Selecionadas:** Vida em Comunidade: Comunidade – Ministério – Culto – Sacramentos – Visitação – Catecismos - Hinos. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 2000, v. 7. LUTERO, Martinho. Do Catíveiro Babilônico da Igreja. In: **Obras Selecionadas:** o programa da Reforma: escritos de 1520. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 1989, v. 2. LUTERO, Martinho. Tratado de Martinho Lutero sobre a Liberdade Cristã. In: **Obras Selecionadas:** o programa da Reforma: escritos de 1520. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 1989, v. 2.

⁶ BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada com reflexões de Lutero.** Almeida Revista e Atualizada. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012, p. 1210.

que caracteriza a vida cristã. Tal pode ser constatado na seguinte citação de Lutero, encontrada em uma de suas prédicas com base no livro de Gênesis (1527). Ali, faz menção a Cristo como o sacerdote que intercede na presença de Deus a favor de seu povo e isto por meio de um vocabulário metafórico de semântica ampliada:

“Sacerdote” é uma palavra poderosa e doce, de modo que não pode haver nome mais adorável e amável na terra [...] O sacerdócio é um poder espiritual, que outra coisa não é senão que o sacerdote vem e toma sobre si todas as aflições do povo, como se fossem suas próprias. Depois, intercede por todos perante Deus e recebe dele a palavra pela qual pode consolar a todos e ajudar-lhes. É ainda mais agradável e reconfortante do que os nomes pai e mãe; sim, este nome nos traz todo o resto. Pois, sendo sacerdote, ele faz Deus nosso Pai.⁷

Depara-se, neste exemplo acerca do sentido dos termos em apreço, com mais do que fatos descritos por meio de linguagem simbólica. Aqui se é confrontado com a pessoalidade amorosa da trindade divina. Lutero relata, ao estilo dos autores bíblicos, o que Deus fez e faz, por meio de Jesus Cristo, a favor de seu povo. Os significados e os sentidos que extrapolam a capacidade cognitiva e emocional humana de captá-los, são propostos aqui como exortação a uma não resistência, à participação nestes atos de salvação de Deus, testemunhados nas escrituras bíblicas e contextualizadas pelo reformador ao seu tempo. Para Goertz, estudioso do tema do sacerdócio em Lutero, o uso de metáforas não invalida a certeza do reformador de que se estivesse tratando de realidades, mas que, por sua vez, somente podiam ser apreendidas em fé⁸. A linguagem simbólica aparece como um modo de comunicação *moderado*, um falar comedido, pausado e não possessivo, justamente por se tratar de verdades em forma de testemunho pessoal, que não se deixam reduzir a um racionalismo humano⁹.

Ainda outro elemento pode se agregado a este fato de ter sido apropriado o uso que Lutero fez de muitas figuras de linguagem para discorrer sobre o tema do *Sacerdócio Universal*. Ele foi especialmente adequado ao período inicial da Reforma do século XVI, posto que se o apresentou em meio a pesadas divergências

⁷ ALAND, Kurt. (ed.). **Lutherlexikon**. 3. ed. Göttingen: Ehrenfried Klotz e Vandenhoeck & Ruprecht, 1967, p. 264. Verbete: Priestertum.

⁸ No item 2.2 se discorre sobre o sentido do termo *fé*.

⁹ GOERTZ, Harald. **Allgemeines Priestertum und Ordiniertes Amt bei Luther**. Marburg: N. C. Elwert, 1997, p. 323ss.

com o paradigma sacerdotal reinante no catolicismo romano; o vocabulário não era estranho aos ouvintes e leitores de seus textos. Para o reformador, a *mediação* da graça advinda dos atos de salvação de Deus em Cristo não podia jamais apresentar-se como uma prerrogativa pertencente ao clero. O único mediador é Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, aquele que com exclusividade pode promover a liberdade advinda do anúncio não revogável do perdão dos pecados¹⁰. As funções públicas exercidas por pessoas especialmente investidas para servir nada mais eram do que sacerdócio em nome dos demais cristãos; um ministério voltado à preservação e multiplicação de serviços entre todo o povo de Deus: “O sacerdócio não é outra coisa que ministério”¹¹.

2 O SACERDÓCIO UNIVERSAL E O MINISTÉRIO DA IGREJA NA TEOLOGIA DE MARTINHO LUTERO

2.1 DOXOLOGIA – PARA O LOUVOR DE DEUS

O sacerdócio de todos os que creem é, antes de tudo, um *estado*, uma condição, é dádiva de Deus e por ele foi instituído neste mundo para o seu louvor. Ele aponta para os atos de salvação em Jesus Cristo, carregando o significado de uma *aliança* de paz proposta por Deus aos seres humanos. Nesta, homens e mulheres ouvem um chamado para deporem suas armas, fazerem cessar sua rebeldia, pois o perdão dos pecados por meio de Cristo é anunciado como promessa a todos os que creem (Ef 2.11ss.). Lutero descreveu este pacto que transforma inimigos em sacerdotes como o de um matrimônio no qual ocorre uma alegre troca de pertencimentos entre o noivo e a noiva, no caso, entre Cristo e todas as pessoas movidas a ele pela fé:

[...] a alma é copulada com Cristo como a noiva com o noivo... Daí se segue que tudo se lhes torna comum, tanto as coisas boas quanto as más... Cristo é cheio de graça, vida e salvação; a alma está cheia de pecados, morte e condenação. Intervenha agora a fé, e acontecerá que os pecados, a morte e o inferno se tornam de Cristo, e a graça, vida e salvação são da alma. Pois se ele é o noivo, tem que, simultaneamente, aceitar o que é da noiva e

¹⁰ LUTERO, Do Cativeiro Babilônico da Igreja, 1989, v. 2, p. 410-418.

¹¹ LUTERO, Do Cativeiro Babilônico da Igreja, 1989, v. 2, p. 414.

compartilhar com a noiva o que é seu.¹²

Nesta representação de Lutero por meio de uma espécie de linguagem que aponta para além das limitadas capacidades da racionalidade humana, o *Sacerdócio Universal* aparece antes de qualquer outra consideração como uma honra e autoridade recebida por graça e fé do sumo sacerdote Cristo. Nele se encontra a origem do sacerdócio humano: uma dignidade atribuída, a exemplo de um título conferido por um monarca a um simples cidadão. Portanto, não suscita, de saída, como de solloio é usual pensar, a imagem de uma pessoa que desempenha determinadas funções. Não tem um caráter de serviço no qual se exerce uma mediação do divino ao humano por meio de uma classe de pessoas que se situe acima dos demais membros da comunidade cristã. Na dinâmica da vida cristã todos são sacerdotes, compartilham deste estado, para a honra e o louvor de Deus:

[...] foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação e para o nosso Deus os constituiste reino e sacerdotes e reinarão sobre a terra. (...) Digno é o Cordeiro que foi morto de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e louvor. (Apocalipse 5.9-10 e 12).¹³

O Evangelho e toda a Escritura apresentam a Cristo como o “sumo sacerdote que, uma vez por todas, pela única oblação de si mesmo, tirou os pecados de todos e consumou sua santificação em eternidade. Pois entrou uma vez no santuário por seu próprio sangue, adquirindo eterna redenção” (.....) ...no Novo Testamento, não se faz um sacerdote, ele nasce, não é ordenado mas criado. No entanto, não nasce pelo nascimento da carne, mas do Espírito, no banho da regeneração. Pois todos os cristãos são sacerdotes e todos os sacerdotes são cristãos.¹⁴

O perdão dos pecados como dádiva resultante da morte de Cristo na cruz marca o fim de qualquer culto de sacrifício e, por isto mesmo, de um sacerdócio de mediação. Na teologia de Lutero a obra de Cristo, sua morte e ressurreição, tem caráter único e é de valor universal. Em seu *Tratado sobre a Liberdade Cristã* (1520), entre várias outras passagens bíblicas mencionadas, a de 1 Pedro 2.9¹⁵ é

¹² LUTERO, Tratado de Martinho Lutero sobre a Liberdade Cristã, 1989, v. 2, p. 442.

¹³ BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada com reflexões de Lutero**, 2012, p. 1210.

¹⁴ LUTERO, Como Instituir Ministro na Igreja, 2000, v. 7, p. 89 e 93.

¹⁵ “Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a

indicada para afirmar que o sacerdócio de todos os que creem é uma *participação* na realeza e sacerdócio de Cristo, em seu ministério de reconciliação, para só então evidenciar seu caráter de serviço mútuo entre os cristãos e, isto, como expressão de gratidão¹⁶. Pois, quem agradece o que recebeu, louva, engrandece, a quem o doou, tornando-se seu partícipe.

Jesus Cristo é, concomitantemente, o sacerdote que oferece o sacrifício de uma vida para a remissão dos pecados dos demais – a exemplo da compreensão judaica a respeito dos cultos sacrificiais - e a oferta mesma a ser dada no altar de Deus. Ele é o ponto de partida e de chegada do propósito de redenção divino, em outros termos, do sacerdócio cristão. Nele cessam os cultos a Deus por meio de qualquer espécie de sacrifícios do povo a Deus, mediados por uma classe clerical. Na interpretação feita pelo reformador das escrituras bíblicas não se encontra nenhuma justificativa antropológica e ética prévia que se apresente como requisito para se tornar sacerdote, especialmente quando se trata de entender a mensagem contida no Novo Testamento. Nesta, tudo aponta sempre para o Cristo encarnado e crucificado. É dele que provém a honra e a possibilidade de alguém tornar-se sacerdote e poder participar do serviço de anunciar o evangelho, como bem o expressou Goertz: “Somente na medida em que o próprio Cristo distribui o perdão adquirido através da proclamação do Evangelho, pode a pessoa participar do processo de salvação.”¹⁷.

A mensagem cristã é oriunda de fora, isto é, não é criação humana, consistindo na pregação de Cristo acerca de si mesmo. Ele é quem dá início à proclamação de si mesmo como ofertante e oferta. Ele é quem reúne os dois elementos fundamentais contidos na ideia do sacerdócio do Novo Testamento: uma mediação única, sua vida dada em sacrifício enquanto sumo sacerdote para o louvor de Deus e a consequente exortação à fé nele. Em palavras similares: em Cristo, o sacerdócio se inicia no serviço, para os cristãos, porém, se apresenta como puro louvor, enquanto resposta de fé ao seu chamado¹⁸. Por isto é possível afirmar que ser sacerdote corresponde a ser cristão; encontra-se na essência de sua vocação.

sua maravilhosa luz...” BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada com reflexões de Lutero**, 2012, p. 1186.

¹⁶ LUTERO, Tratado de Martinho Lutero sobre a Liberdade Cristã, 1989, v. 2, p. 444.

¹⁷ GOERTZ, 1997, p. 325.

¹⁸ GOERTZ, 1997, p. 325.

Em resumo quanto a este primeiro e fundamental elemento da compreensão do reformador acerca do *Sacerdócio Universal*, o louvor a Deus, pode-se afirmar que este aponta basicamente para duas direções: para o sacerdócio de Cristo e para o dos cristãos. Cristo é o sumo sacerdote para sempre: “Tu és sacerdote para sempre...” (Sl 110.4; Hb 5.6)¹⁹. Não, porém, segundo o sacerdócio levítico, que consistiu em sacrifícios de animais, mediados por uma classe sacerdotal que necessitava expiação de pecados para si mesma (Hb 5.3; 7.11-19). Ele é “o Autor da salvação eterna” (Hb 5.9)²⁰, “tendo sido nomeado por Deus sumo sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque” (Hb 5.9-10)²¹. Em seu

¹⁹ BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada com reflexões de Lutero**, 2012, p. 562 e p. 1165.

²⁰ BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada com reflexões de Lutero**, 2012, p. 1165.

²¹ BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada com reflexões de Lutero**, 2012, p. 1166. Ver também Sl 110.4. Este personagem, Melquisedeque, é mencionado apenas em duas passagens bíblicas do Antigo Testamento (Gn 14.18-20 e Sl 110.4). O autor da carta aos Hebreus, no Novo Testamento, porém, o menciona diversas vezes, comparando-o ao sumo sacerdote Cristo (Hb 5.6,10; 6.20; 7.1, 10, 11, 15, 17). No livro de Gênesis se situa Melquisedeque como rei de Salém e sacerdote do Deus Altíssimo (Gn 14.18). Esta Salém é a futura Jerusalém (Sl 76.2), onde o rei Davi foi o primeiro israelita a sentar-se no trono lá estabelecido (Sl 110.4). O nome desta cidade tem o sentido de *paz*, a ponto de o autor de Hebreus, em um jogo de atribuição de sentidos, afirmar que Melquisedeque era o “rei de paz”, após tê-lo primeiramente nomeado de “rei de justiça” (Hb 7.2). Evidentemente, não sem razão, uma vez que este rei não exigiu nenhum dos bens daqueles resgatados por Abrão em uma batalha contra reis que haviam levado presos ao sobrinho Ló, os de sua família e seus pertences (Gn 14.12-17). Em seu justo agir, veio em paz na direção de Abrão, abençoando-o em nome do Deus Altíssimo, oferecendo-lhe pão e vinho; além de rei que exerceu o verdadeiro direito e a justiça, era também sacerdote, enquanto ativo repartidor das bênçãos deste Altíssimo (Gn 14.18-20). Independente do sentido atribuído a este título *Deus Altíssimo* pelos predecessores e sucessores de Melquisedeque, para Abrão se tratava do mesmo Deus que a ele se havia revelado, uma vez que ele o uniu a *Senhor*, título de uso frequente no Antigo Testamento (Gn 14.22). Agrega-se ainda, em Gênesis, a informação que Abrão lhe pagou o dízimo, possivelmente do que havia resgatado (Gn 14.20). A narrativa de Gênesis marcou profundamente a consciência histórica dos israelitas, uma vez que, mais tarde, o rei Davi, já em seu reinado, fez menção deste rei de Salém, afirmando que no futuro viria um rei e sacerdote ainda mais grandioso do que este Melquisedeque, porém, da mesma ordem: justo e promotor da paz (Sl 110.1-7). KIDNER, Derek. **Gênesis: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1979, p. 112-113. Para a fé dos primeiros cristãos, conforme se pode perceber no Novo Testamento e, no próprio entendimento de Jesus acerca de si mesmo, estas histórias do Antigo Testamento foram lidas com especial atenção. Jesus Cristo é este rei-sacerdote, da mesma ordem justa e pacífica de Melquisedeque, a respeito do qual este último, porém, era apenas semelhante ao Filho de Deus (Mt 22.41-46, em alusão ao Sl 110.4; 1 Pe 2.9; Hb 7.3). Ainda muito poderia ser mencionado sobre esta aproximação entre Cristo e Melquisedeque, a exemplo da linguagem quase alegórica usada pelo autor de

sacrifício pessoal como sumo sacerdote, Cristo, aquele que foi sem pecado e é antes de todas as coisas (Jo 1.1-3; Hb 7.20-28), põe em manifesto sua intercessão reconciliadora pela humanidade, que se torna ativa naqueles que creem. Ser cristão é nascer sacerdote pela fé no agir de Deus, que perdoa pecados, sendo tal creditado unicamente para o seu louvor.

Este nascer, ser transformado em sacerdote, portanto, para Lutero em sua interpretação do tema na Bíblia, não corresponde a uma ordem instituída por uma classe de seres humanos que carecem igualmente de reconciliação. Tal implicaria em permanecer na ordem imperfeita do sacerdócio levítico, invertendo-se o seu sentido: o louvor pertenceria aos mediadores humanos que transformariam seu serviço em sacrifício a favor dos demais, não exclusivamente a Deus. A esse respeito, em tom extremamente crítico, Lutero polemiza com os que de modo idêntico propunham a prática do sacerdócio em seu tempo²²:

Como se esse sacrifício único não fosse suficiente, e como se não tivesse adquirido uma vez por todas a eterna redenção, eles sacrificam diariamente o corpo e o sangue em inumeráveis lugares espalhados pelo mundo. E com esse seu sacrifício prometem remissão de pecados, não a eterna, mas uma que deve ser repetida todos os dias.²³

Ser sacerdote é um *estado espiritual* e se ancora no batismo, evangelho e fé²⁴, comuns a toda comunidade cristã; o sacerdócio não decorre de um suposto direito adquirido por algumas pessoas por intermédio de um rito de admissão ao mesmo e no âmbito do qual se ofereça alguma espécie de sacrifício contínuo que pretensamente sirvam para se fazer mediação entre o divino e o humano. Se assim fosse, a salvação decorreria das boas ações de homens e mulheres, não unicamente da graça perdoadora e redentora de Deus em Cristo, da fé que a acolhe. A relação fundante do sacerdócio é esta: primeiro a fé, então as boas obras de amor. De

Hebreus ao fazer tal justaposição. Para este autor, fundamental era a necessidade de se distinguir o sumo sacerdócio de Cristo da ordem sacerdotal levítica. Indica-se aqui para aprofundamento do tema na carta aos Hebreus: GUTHRIE, Donald. **Hebreus**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1983, especialmente as páginas 145-160.

²² Este assunto é apresentado e aprofundado na subseção 2.3.

²³ LUTERO, Como Instituir Ministro na Igreja, 2000, v. 7, p. 89.

²⁴ LUTERO, À Nobreza Cristã da Nação Alemã, acerca da Melhoria do Estamento Cristão, 1989, v. 2, p. 282.

Cristo deriva a honra e a autoridade do sacerdócio de todos os que creem, para o louvor de Deus. Primeiramente o cristão torna-se sacerdote na presença de Deus, por meio da fé na obra redentora de Cristo, para só então o ser na presença de outras pessoas.

A relação de dependência do homem natural ao seu Eu e à sua realização pessoal, como princípio de seus valores e ações, é, por meio da comunhão com Cristo, levada à liberdade do egocentrismo. Assim como esta dependência pode ser descrita como liberdade da vontade de Deus, assim também, inversamente, a liberdade cristã como dependência de Deus. Para realçar a dignidade e a glória da comunhão com Deus, Lutero atribui aos cristãos os títulos de rei e sacerdote.²⁵

2.2 PARÊNESE – EXORTAÇÃO MÚTUA

A subseção anterior foi concluída com uma citação da autoria de Storck, extraída de uma publicação que versa sobre o *Sacerdócio Universal*, datada de 1953. Nela aparece a menção a um tópico essencial à compreensão da temática na teologia de Lutero; uma expressão congênere. Trata-se da *liberdade cristã* e, como ainda destacar-se-á, da justiça que decorre da fé. Liberdade é dependência de Deus, comunhão com Cristo, um andar que se distancia do egocentrismo peculiar à natureza humana. Esta libertadora relação com Cristo é uma dádiva, uma experiência existencial, despertadora de um saber estar-se fazendo parte de um estado espiritual, de uma coparticipação em um reinado e sacerdócio que excede os sentidos e a consciência meramente humana²⁶. Cristãos livres são sacerdotes e sacerdotisas que passaram a viver do e para o louvor de Deus.

Ancora-se nessa liberdade a dupla face do sacerdócio que é comum a todos os que creem: louvor a Deus e exortação mútua. O louvor como manifestação de gratidão pelo que foi recebido gratuitamente de Deus se torna ativo em serviços de caráter exortativo recíprocos, ou melhor, que a isto constrange. Assim, unidos, brota o que, de fato, não é possível dissociar na teologia de Lutero: os elementos

²⁵ STORCK, Hans. Das allgemeine Priestertum bei Luther. In: **Theologische Existenz Heute**. München: Chr. Kaiser, Neue Folge 37: p. 16-17, 1953.

²⁶ Em função da delimitação temática estabelecida no presente artigo, optou-se em não adentrar no sentido atribuído pelo reformador às metáforas “rei” e “reinado”, ainda que os mesmos apareçam com frequência, em seus textos, ao lado de “sacerdote” e “sacerdócio”.

doxológico e parenético do *Sacerdócio Universal*²⁷. Quem recebeu deve repartir (Mt 10.8), não se tratando, no entanto, de um dever pelo dever, mas daquele que nasce de um poder²⁸.

A parêncese cristã, a exortação mútua à fé, revela-se como pregação do evangelho, da pessoa a si mesma e aos demais, comunicada pelo Espírito de Deus e por sua Palavra: “Sem a palavra e o ministério da pregação, Deus não quer dar a ninguém o Espírito que Ele próprio designou e mandou a pregar somente a Cristo.”²⁹ O mediador da redenção, Cristo, prega a palavra da reconciliação por meio do seu Espírito consolador (Jo 14.26) e testemunhas (Rm 10.13-15), seus ouvintes e receptores, a acolhem para o louvor de Deus, transformando-se, em sequência imediata, em pregadores desta mesma mensagem, através dos quais o mesmo Espírito age: “[...] pois nós não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos.” (At 4.20); “Eu cri; por isso, é que falei.” (2 Co 4.13)³⁰. Esta pregação da Palavra de Deus, inspirada pelo Espírito, não se limita, no entanto, a expressão de palavras pronunciadas pela voz humana, transformando-se também em serviço ativo de amor àqueles que deste tem carência:

Espírito é tudo o que o Espírito Santo opera em nós. Carne é qualquer coisa que fazemos por nós mesmos sem o Espírito. Portanto, todas as obras dos cristãos são, a exemplo de amar sua esposa, gerar filhos, governar seu lar, honrar seus pais, ser sujeito ao governo e coisas do gênero ... frutos do Espírito.³¹

²⁷ Os termos *doxologia* e *parêncese*, originários do idioma grego, apesar de não serem usuais na língua portuguesa, constam na mesma; significam, concomitantemente, louvor a Deus e exortação. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 610 e p. 1270.

²⁸ No idioma alemão distinguem-se os sentidos aqui mencionados por meio de dois termos. O primeiro é *dürfen*, que carrega o significado de um dever fazer porque se tem licença para tanto, ou seja, se deve porque se pode; se está apto, há a presença de uma competência. Este é o sentido do dever servir, sobre o qual Lutero discorreu. A outra palavra é *sollen*, que encerra o significado de dever pelo dever, de alguém simplesmente ser obrigado a fazer algo. LANGENSCHIEDT: Taschenwörterbuch Portugiesisch: Português – Alemão. Alemão – Português. Berlin e München: Langenscheidt, 2001, p. 755 e 1068..

²⁹ ALAND, 1967, p. 125. Verbete: Heiliger Geist.

³⁰ BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada com reflexões de Lutero**, 2012, p. 1014 e 1095.

³¹ ALAND, 1967, p. 125. Verbete: Heiliger Geist.

Em que consiste, na prática, esta liberdade cristã sacerdotal? Por que ela é e precisa ser, além de louvor a Deus, uma expressão de serviço ativo a que determinada pessoa, existencialmente, se vê constrangida a realizar? Por que é necessário prestar atenção a si mesmo, bem como desenvolver atitude de partilha? Como se dá esta relação entre poder e dever realizar ativamente uma prestação de serviço? O que se encontra envolvido na exortação mútua à fé, na pregação que envolve um falar do que se viu e ouviu? Para dar início ao escrutínio destes questionamentos recorre-se a algumas considerações acerca da liberdade cristã feitas pelo reformador em obra que leva este nome:

Visto, porém, que a natureza humana e a razão natural (como dizem) são supersticiosas por natureza e, quando lhes são prescritas quaisquer leis ou obras, tendem para a falsa ideia de que a justificação deve ser conquistada por elas, e ainda porque são exercitadas e firmadas neste mesmo sentido pela prática de todos os legisladores terrenos, é impossível que, por si mesmas, se livrem desta servidão das obras e cheguem ao conhecimento da liberdade da fé. Por isso é necessária a oração para que o Senhor nos atraia e faça de nós teodidatas, isto é, instruídos por Deus, e que ele inscreva em nossos corações a lei, como prometeu. Do contrário, estamos perdidos. Pois se ele mesmo não ensinar interiormente esta sabedoria oculta no mistério, a natureza só pode condená-la e julgá-la herege, porque se escandaliza com ela e a considera estulta.³²

O elemento exortativo do sacerdócio cristão inicia na percepção de que a liberdade que nasce da fé necessita ser exercitada, a começar pela pessoa para consigo mesma. É, pois, admoestação de quem presta um serviço em resposta a uma realidade existente, mas que demanda ser lembrada e seguida em obediência. Não é comum, afirma Lutero, na referência supramencionada, que o ser humano reconheça este mistério da mensagem cristã de que a sua liberdade decorre exclusivamente da fé, da graça de Deus manifesta em Cristo. A inclinação natural de homens e mulheres é supersticiosa, considera o reformador, por acreditarem que a justificação de sua existência depende deles mesmos, isto é, de seu esforço em torná-la bem sucedida por meio do máximo de bem que puderem realizar e de lutarem com suas próprias energias e recursos a batalha contra o pecado e o mal. Libertar-se desta inclinação egocêntrica, desta escravidão que consiste em permanentemente ter que se provar a Deus e aos demais o valor da vida por meio do que se faz, somente pode ocorrer se o próprio Deus, diariamente, atrair e tirar

³² LUTERO, Tratado de Martinho Lutero sobre a liberdade cristã, 1989, v. 2, p. 460.

a pessoa para fora desta angustiante situação existencial. A palavra do evangelho que anuncia perdão e reconciliação demanda ser pregada pelo próprio Cristo, pelo Espírito de Deus e, isto, pelo testemunho e serviço exortativo participativo de todos os sacerdotes e sacerdotisas, de modo que, ao fim, Deus vá inscrevendo “em nossos corações a lei, como prometeu”³³; a lei da liberdade.

A oração é este meio da graça, por meio da qual uma pessoa pede a Deus, por si mesma, para que atraída pela força do evangelho de Cristo aprenda, na prática, a viver esta liberdade reconciliadora que já é sua por promessa. Ela é necessária, um ato obediente de fé, pois do contrário, sem o sacerdócio sedutor de Cristo a mensagem da liberdade gratuita será considerada sem mérito e sem excelência. Cristo intercede, a pessoa pede por si mesma e pelos outros: é sacerdócio viabilizado pelo sumo sacerdote, que atua por meio do Espírito Santo. A vocação cristã é, assim, um estar na presença de Deus e na presença humana. É atuação para conduzir todos a Deus, para o seu louvor. E, a propósito da liberdade do egocentrismo, não deixará de ser, em sua expressão comunitária, um poder que se distancia de todo e qualquer etnocentrismo, revestido de serviço mútuo e situado em distintas realidades e contextos. Esta experiência necessita ser promovida, ensinada por Deus, aprendida pessoalmente e prolongada ativamente nas relações interpessoais. Ao fim, porém, será sempre uma “sabedoria oculta no mistério”. Lohse traduziu o pensamento de Lutero a esse respeito de modo magistral:

Acontece que o homem não é somente espiritual, mas também corporal. Não resta dúvida, caso ele fosse completamente espiritual, de que não necessitaria mais se empenhar. Enquanto o homem permanecer sobre a terra, a nova justiça, que lhe foi totalmente imputada de acordo com a sua natureza espiritual, nunca estará presente de uma forma definitiva, mas sempre de uma maneira obscura e incompleta. “É neste ponto que principiam as obras. Neste ponto o homem não pode se tornar ocioso, mas disciplinar o seu corpo com jejuns, vigílias, trabalhos e outra sorte de disciplina razoáveis a fim de sujeita-los ao Espírito, de maneira que se torne obediente e uniforme com o íntimo do homem e com a fé, e não se revolte contra a fé e se torne um obstáculo, nem se revolte, como é de seu feitio, quando não é disciplinado.” Tais obras não deverão ser feitas pensando-se que, através delas, o homem se tornará justo e piedoso aos olhos de Deus. Pelo contrário, deverão ser praticadas por amor, livre e gratuitamente. [...] Com relação ao relacionamento com o seu próximo, significa que um cristão, exatamente por causa de sua liberdade, deve transformar-se num

³³ Lutero faz referência a Jeremias 31.31-34, sem, contudo, mencioná-la. BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada com reflexões de Lutero**, 2012, p. 720-721.

servo de todos.³⁴

A parêncese, antes de ser um indicador de serviço feito a favor da liberdade, salvação e bem estar de uma pessoa para ela mesma e para outros seres humanos, é, pois, expressão de louvor a Deus; um sacerdócio compartilhado por Cristo a homens e mulheres chamados ao discipulado, ao serviço ministerial. É de caráter comunitário, pois é conferido a todos os que creem. A exortação mútua se apresenta como um imperativo que nasce de um indicativo:

Tendo eles a Palavra de Deus e sendo por ele ungidos, também têm o dever de confessar, ensinar e difundi-la [...] Portanto, fica assegurado aqui, mais uma vez, que um cristão não só tem o direito e a autoridade para ensinar a Palavra de Deus, mas que ele tem o dever de fazê-lo, sob pena de perder sua alma e cair na desgraça de Deus.³⁵

Conclui-se, pois, do afirmado na presente subseção, que o *Sacerdócio Universal*, na teologia de Lutero, não trata exclusivamente da posição dos cristãos diante de Deus. Ele possibilita que se discuta a respeito da constituição da igreja em toda a sua visibilidade. A igreja, comunhão dos que creem, não é comunidade que ainda não obteve a sua maioridade, necessitando de tutores. Ela se encontra autorizada e com direito a ensinar e julgar todas as coisas concernentes ao evangelho, pois dele é nascida. O Novo Testamento difere do Antigo Testamento quanto ao tratamento do tema sacerdócio. A igreja é a congregação de sacerdotes e sacerdotisas, dos que têm livre acesso a Deus pela fé, implicando tal realidade no desaparecimento do caráter mediador do sacerdócio, a saber, o sacerdócio levítico. Este é um bem, um legado de toda a comunidade cristã; os que se põem no caminho da fé são justificados não por suas obras, nem mesmo por meio de sacrifícios mediados por sacerdotes que supostamente estariam investidos de um poder especial para atribuir tal estado diante de Deus e dos seres humanos. É pela fé que a comunidade pecadora se identifica com Cristo, enquanto ofertante e oferida, passando a exercer ministérios, isto é, serviços mútuos que servem de

³⁴ LOHSE, Bernhard. **A fé cristã através dos tempos.** 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1981, p. 173 e 174.

³⁵ LUTERO, Direito e Autoridade de uma Assembleia ou Comunidade Cristã de Julgar toda Doutrina, Chamá, Nomear e Demitir Pregadores – Fundamento e Razão da Escritura, 2000, v. 7, p. 31 e 32.

exortação para despertar a fé, sua permanência e desenvolvimento. O ministério eclesiástico é serviço à Palavra de Deus e encontra-se diretamente relacionado e dependente do elemento doxológico do sacerdócio dos que creem; o que já foi conferido como promessa deve e pode ser desenvolvido (Fp 2.12-13).

No pensamento de Lutero nem mesmo o batismo pode ser anteposto a essa compreensão do sacerdócio enquanto dignidade recebida, uma vez que se apresenta em seu caráter de sacramento somente por estar ligado à palavra da promessa e da fé que o recebe: “Quem crer e for batizado será salvo; quem, porém, não crer será condenado.” (Mc 16.16)³⁶. “O que é o batismo? O batismo não é apenas água, é, porém, água apreendida pelo mandamento de Deus e está relacionada com a Palavra de Deus.”³⁷. O batismo se estende como lógica do nascimento espiritual, não se configurando como um ato humano para atrair a graça de Deus; não tem caráter de mediação. Adquire seu sentido na ordenação das conclusões sobre a ação salvadora de Deus. É promessa recebida pela fé e pode ser entendido como rito de iniciação ao sacerdócio³⁸. A fé dos batizados no evangelho é, pois, pressuposto para o direito de exercer o ministério sacerdotal: “De fato, sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam.” (Hb 11.6)³⁹.

Ter fé significa não confiar nas suas próprias obras, mas aceitar humilde e agradecidamente a mão divina que se nos é estendida. Ter fé significa confiar e amar a Deus assim como uma criança confia e ama a seu pai. [...] não se chega a uma tal fé através de decisões próprias mas que, para tal, se faz necessário que se nos sejam abertos os olhos.⁴⁰

A fé não é uma obra, mas um professor e a força vital das obras.⁴¹

O ministério sacerdotal é exercido diante de Deus pela oração. É feito pela intercessão por si mesmo e pelos outros. Envolve, primeiramente, um cuidado consigo mesmo, um “sacrifício” (Rm 12.1-2), uma dedicação obediente.

³⁶ BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada com reflexões de Lutero**, 2012, p. 930.

³⁷ ALAND, 1967, p. 320. Verbete: Taufe.

³⁸ GOERTZ, 1997, p. 326.

³⁹ BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada com reflexões de Lutero**, 2012, p. 1172-1173.

⁴⁰ LOHSE, 1981, p. 172.

⁴¹ ALAND, 1967, p. 145. Verbete: Glaube.

Então vem a pregação, em todas as suas formas; a segunda forma de sacrifício sacerdotal. Aqui o cristão oferece sua boca e voz, todo o seu ser, estando disposto a sofrer oposição. Corresponde à direção ao próximo, tratando-se de uma realeza e sacerdócio para o serviço, à exortação, não à dominação, de modo que também o sofrimento, a perseguição e todos os tipos de males acabam servindo e cooperando para o ministério da reconciliação⁴². E, cabe aqui frisar, na pregação também se encontram incluídos todos os atos de misericórdia e de justiça a favor de todos os homens e mulheres neste mundo, quando realizados para o louvor de Deus.

Na dedicação a Deus e ao próximo o *Sacerdócio Universal* se apresenta como uma dobradiça, unindo os elementos do louvor e da exortação mútua. O ser sacerdote é o motivo para agir como tal. O conteúdo do ministério sacerdotal dos cristãos se dá na preocupação pela salvação do próximo, porque adquirida por meio de Cristo, não encontrando homens e mulheres a não ser de forma mediada. A Palavra de Deus acerca de Cristo, testemunhada e praticada por pessoas, é a única mediação que se propõe nos tempos da nova aliança (1 Tm 2.5-6)⁴³.

Visto que Cristo abriu a *todos* o livre ingresso, “sacerdotal”, a Deus através da oferta de sua pessoa, a tarefa do ministério sacerdotal dos cristãos não pode mais existir no sentido tradicional em uma mediação, mas somente nisto, na experiência pessoal da graça em direta comunhão com Deus, permitindo-se que outros também tenham acesso à mesma. Com isso o conteúdo do ministério sacerdotal dos cristãos se dá na *preocupação pela salvação do próximo*. Como auxílio para a fé, se concretiza na presença de Deus por meio da *intercessão*, na presença humana por meio da pregação que, para Lutero, é representativa de todas as formas de testemunho do Evangelho, na pregação, no cuidado pastoral e na confissão. Porque adquirida por meio de Cristo, a salvação não encontra o homem a não ser de forma mediada, a saber, sob a forma da palavra externa, que depende ser testemunhada por pessoas.⁴⁴

2.3 O SACERDÓCIO UNIVERSAL E O CLERICALISMO NA IGREJA ROMANA DO SÉCULO XVI: UM EMBATE INEVITÁVEL

À medida que o reformador Lutero aproximava e comparava sua teologia do sacerdócio de todos os que creem com a compreensão e prática sacerdotal da

⁴² GOERTZ, 1997, p. 326.

⁴³ GOERTZ, 1997, p. 326.

⁴⁴ GOERTZ, 1997, p. 326.

Igreja Romana no século XVI, crescia e aprofundava-se sua discordância com a liderança desta: o clero. O soerguimento, que vinha de longa data, de uma classe que se autodenominava de sacerdotal, situada acima dos demais cristãos e com poderes exclusivos para mediar a graça de Deus, com base em argumentos supostamente ancorados na tradição bíblica do Novo Testamento⁴⁵, servia apenas para dominação, por não se fazer caso daqueles a quem o sacerdócio de fato foi prometido: todos os cristãos. Seriam estes, neste caso, cristãos de uma ordem inferior. “Seja anátema quem afirma que o sacerdote é algo diverso do que é o cristão. Pois isso é uma afirmação sem Palavra de Deus, exclusivamente, com base em palavras humanas, ou na opinião da maioria.”⁴⁶.

O sacerdócio, segundo a compreensão que pode ser encontrada no Novo Testamento, podendo também ser encontrada no Antigo Testamento, a exemplo de Êxodo 19.6⁴⁷, pertence a todos os cristãos justificados por graça e fé, a todo o povo de Deus que participa do ministério de justiça e paz do sumo sacerdote Cristo. Em função desta leitura, Lutero questionava a prerrogativa demandada pela Igreja Romana de sua época de que alguns, ou mesmo todos os direitos e deveres inerentes a esta condição pudesse ser reclamada pelo clero, instituído pelo Sacramento da Ordem. O ministério exercido pela liderança, uma vez transformado em Sacramento, dava margem ao exercício da tirania e da opressão. Para o reformador, de modo algum deveria ser atribuído um *status* espiritual diferenciado aos que são designados a ocupar funções públicas de liderança no âmbito do corpo cristão: “E se são apenas ministros, o caráter indelével já desaparece e o caráter eterno do sacerdócio não passa de uma ficção.”⁴⁸ O ministério atribuído a pessoas ordenadas para o seu exercício por meio de rito específico não contém nenhum ingrediente que comunique às mesmas algum elemento de poder superior ao que todos os cristãos já receberam; ceremonial de ordenação não transforma ninguém em sacerdote, não é Sacramento, não tem caráter que não possa se dissipar.

À natureza da mensagem cristã, fundada no evangelho de Jesus Cristo,

⁴⁵ LUTERO, À Nobreza Cristã da Nação Alemã, acerca da Melhoria do Estamento Cristão, 1989, v. 2, p. 286 e 287; LUTERO, Do Cativeiro Babilônico da Igreja, 1989, v. 2, p. 385ss.

⁴⁶ LUTERO, Como Instituir Ministro na Igreja, 2000, v. 7, p. 93.

⁴⁷ “...vós me sereis reino de sacerdotes e nação santa.” BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada com reflexões de Lutero**, 2012, p. 76.

⁴⁸ LUTERO, Como Instituir Ministro na Igreja, 2000, v. 7, p. 106.

é estranha a proposição de uma divisão de valor entre as pessoas que integram a igreja. O exercício ministerial de apoio mútuo à vivência da fé não pode ser limitado a pessoas determinadas, devendo este apresentar-se sempre em fronteiras que promovam a vida em comunidade e ser praticado de modo ordenado⁴⁹. Há uma só Palavra de Deus, um só poder conferido em comum a todos os cristãos, que se faz realidade justamente nesta mutualidade referida. Trata-se de uma espécie de serviço exercido para o louvor de Deus e em amor ao ser humano, desenvolvendo-se necessariamente de maneira moderada justamente por não se tratar de um domínio; organiza-se por meio de uma gama diversificada de ministérios que atendam às demandas de testemunho do evangelho.

O poder, a graça salvadora, conferidos por Deus aos que creem não pode ser aprisionado ao âmbito do privado, nem ao individual, o que acarretaria, no primeiro caso, dissociação de seu caráter comunitário e, no segundo, usurpação e dominação. O ministério da Palavra é sempre *público* e, como tal, comunitário. Trata-se, pois, de um *pleno poder* comum ao povo de Deus. Nem mesmo os apóstolos enquanto líderes da igreja cristã da primeira hora apresentaram-se como representantes do ministério cristão. Serviço à Palavra constitui em ação exortativa compulsória, um *ter de ser*, cabendo a todos os que com esta se encontram vinculados. Mais uma vez se repete sobre o já discorrido: ser cristão e ser sacerdote se apresentam como realidades correlatas, de modo que a liberdade de tal inerente dever não deve de modo algum vir a ser ameaçada. Na ocasião em que os apóstolos Pedro e João foram levados diante das lideranças sacerdotais judaicas a explicar suas ações e sua proclamação do evangelho de Jesus Cristo, tendo respondido a estas que não podiam “deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos”⁵⁰, fica evidente em sua reação que não se encontravam ancorados em sua própria autoridade, antes na daquele que o Novo Testamento apresenta como sendo o sumo sacerdote (At 4.10-12).

Os justificados por graça e fé são ensinados por Deus, segundo argumentou Lutero por meio do uso de diferentes referências bíblicas (Jo 6.45; Is 55.10-11)⁵¹. De modo que um cristão simples pode estar com a interpretação

⁴⁹ A ordenação ministerial, segundo compreensão do reformador, é tratada mais detalhadamente na próxima subseção.

⁵⁰ BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada com reflexões de Lutero**, 2012, p. 1014. Atos 4.20.

⁵¹ Em conformidade com a subseção 2.2.

correta da Palavra de Deus, de determinada passagem das Escrituras, devendo mesmo um pregador vir a ter que se calar diante de uma pessoa que apresente uma compreensão melhor desta (1 Co 14.30)⁵². Em “À Nobreza Cristã da Nação Alemã”, o reformador afirmou que inclusive o Papa, maior autoridade da igreja em seu tempo, encontrava-se sujeito a erros em suas interpretações da Bíblia⁵³. O *Sacerdócio Universal*, para o louvor de Deus e a exortação mútua, envolve pois, no entendimento de Lutero, esta dinâmica participativa e corretiva. Os cristãos são pessoas capacitadas para ajuizar, exercer bom senso, nesta sua relação com a Palavra de Deus.

E, em razão de todos os argumentos acima mencionados, o uso da palavra necessita manter-se franqueada entre todos, para que por meio de um esforço conjunto seja a Palavra de Deus discernida em lugares e tempos específicos; a hermenêutica bíblica, de algum modo, é sempre um exercício conjunto. Todos os que são de fato cristãos também conhecem existencialmente a Palavra de Deus, não em sentido de uma posse, mas no de uma coparticipação responsável na administração deste tesouro que lhes foi confiado. O sacerdócio cristão destaca, assim, o valor da pessoa na presença de Deus, sendo vivenciado na dinâmica da igreja cristã.

A visão inclusiva do *Sacerdócio Universal* segundo Lutero, integrando todo o povo de Deus, sem distinções de hierarquia, não ficou, historicamente, sem reação, tendo convulsionado consciências e poderes instituídos. O fato é que o reformador possuía uma compreensão do sacerdócio dos cristãos já em tempos mais precoces de sua teologia, podendo ser encontrado em suas preleções dos Salmos (1513-1515), contudo, se apresentando como noções acerca do assunto, sem um maior desenvolvimento. Foi nos embates, em suas disputas com a Igreja Romana, porém, que seu pensamento amadureceu, tornando possível que o reformador tirasse consequências práticas do princípio do sacerdócio dos cristãos para a igreja em sua concretude visível⁵⁴.

⁵² LUTERO, À Nobreza Cristã da Nação Alemã, acerca da Melhoria do Estamento Cristão, 1989, v. 2, p. 286. O assunto aqui mencionado é objeto de maiores esclarecimentos na próxima subseção.

⁵³ LUTERO, À Nobreza Cristã da Nação Alemã, acerca da Melhoria do Estamento Cristão, 1989, v. 2, p. 288-289.

⁵⁴ HOLL, Karl. **Gesammelte Aufsätze zur Kirchengeschichte**. 4. e 5. ed., Tübingen: J. C. Mohr, 1927, v. 1, p. 305-306.

Este princípio, consequentemente, significou um completo novo começo para a doutrina da igreja visível de Lutero. Somente agora ele estava em condições de deduzir instruções positivas para a ordem da igreja visível, advindas de sua visão da igreja invisível. Pois agora havia se mostrado a ele um ponto, a partir do qual se exigiam, em função dos direitos dos cristãos advindos de sua relação com Deus, considerações para dentro do contexto de estruturação da igreja externa. Lutero não hesitou, após ter compreendido o conceito do sacerdócio universal, incluir no conceito de Sacerdote tudo o que se encontrava associado aos direitos eclesiásticos externos. “Pois certamente sabemos que poder traz consigo o sacerdócio, a saber, pregar, celebrar Missa, administrar os Sacramentos e fazer uso das chaves celestiais”. Uma vez que tudo isto foi atribuído a todos os que creem – e Lutero considerava isto com toda seriedade –, alterou-se também, desse modo, toda a imagem da igreja visível. Ela não era mais um rebanho de menoridade, porém, comunhão de pessoas competentes, com direito a juízo.⁵⁵

2.4 MINISTÉRIO: DE TODOS E DE ALGUNS EM LUGAR E EM NOME DOS DEMAIS

A relação intrínseca e indissociável dos componentes doxológico e parenético do *Sacerdócio Universal* segundo a interpretação bíblica de Martinho Lutero a esse respeito, sumarizados na vida e obra do sumo sacerdote Jesus, o Cristo, ofereceu ao reformador a oportunidade de fazer considerações aproximativas acerca dos aspectos invisíveis, espirituais e visíveis, ministeriais, da grandeza que se denomina igreja; como o destacou Holl, conforme a última citação apresentada na subseção anterior. A descrição do sacerdócio como uma condição espiritual decorrente da graça de Deus que perdoa, justifica, liberta e vai desembaraçando a pessoa de sua escravidão à sua natureza corrompida, por meio da fé que acolhe tais promessas, confere ao mesmo uma marca universal. Ser sacerdote coincide com o ser cristão e, como se procura esclarecer melhor no presente tópico, ajusta-se a tornar-se ministro da Palavra de Deus. “O sacerdócio não é outra coisa que ministério.”⁵⁶

Sacerdote é o cristão que é ensinado por Deus a viver em liberdade a sua condição, por intermédio do Espírito Santo e da Palavra acerca de Cristo. Um ensino que o integra a um círculo exortativo comunitário, no qual se vê compungido

⁵⁵ HOLL, 1927, v. 1, p. 318-319.

⁵⁶ LUTERO, Do Cativeiro Babilônico da Igreja, 1989, v. 2, p. 414.

a servir, pregar e ensinar para o louvor de Deus. Trata-se de um rei, um fidalgo, que voluntariamente se priva de regalias a que tem direito para trabalhar pela salvação dos demais. O reformador, na complexidade de seus arrazoados, havia encontrado a chave para entender a dinâmica da igreja como a de um corpo vivo, em que cada membro possui funções, ministérios, a exercer: “Mas, segundo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo, de quem todo o corpo, bem ajustado e consolidado pelo auxílio de toda junta, segundo a justa cooperação de cada parte, efetua o seu próprio aumento para a edificação de si mesmo em amor”⁵⁷.

O *Sacerdócio Universal*, na visão do reformador, em sua relação inconfundível com o assunto do *Ministério da Igreja*, abre brechas fecundas para a continuidade e aproximação reflexiva e prática desta grandeza temática no tempo presente. A esse respeito o teólogo anglicano John Stott, em seu comentário à carta neotestamentária dirigida aos cristãos de Efésios, destaca que se “o século XVI recuperou o sacerdócio de todos os crentes (sendo que todo cristão desfruta, por meio de Cristo, o livre acesso a Deus), talvez o século XX recupere o ministério de todos os crentes (cada cristão recebe de Cristo um ministério privilegiado para com os homens)”⁵⁸. A provocação de Stott, como fica evidente na leitura de sua obra, não teve a intenção de negar que no movimento evangélico protestante não tivessem existido manifestações de um sacerdócio vivenciado enquanto ministério na mutualidade exortativa que caracteriza o ser cristão, antes, a de realçar que, historicamente, pastores e outras espécies de liderança, sempre novamente voltaram a ocupar por demais lugar central e monopolizador no exercício da incumbência de testemunhar a Palavra de Deus. Olvidou-se, com demasiada frequência, que o propósito da igreja cristã, segundo os relatos do Novo Testamento, deveria sempre voltar-se à multiplicação dos ministérios para dentro do mundo⁵⁹.

⁵⁷ BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada com reflexões de Lutero**, 2012, p. 1119. Efésios 4.15-16.

⁵⁸ STOTT, John R. W. **A Mensagem de Efésios:** a nova sociedade de Deus. 2. ed., São Paulo: ABU, 1987, p. 121. Nota: o autor produziu este comentário em fins do século passado.

⁵⁹ Menciona-se aqui a passagem bíblica de Efésios 4.11-12, que aponta para este propósito de multiplicação dos serviços: “E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo.” BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada com reflexões de Lutero**, 2012, p. 1118 e 1119.

Stott tem em vista as necessidades de testemunho do evangelho em uma sociedade moderna secularizada, menos afeita à presença da grandeza igreja enquanto instituição que a todos e a tudo influi. Nesta se demanda, talvez mais que em outros tempos, ter-se por meta que as lideranças cristãs invistam suas energias, experiência e conhecimentos no sentido de que cada cristão venha a ser efetivamente também um ministro, vivenciando ativa e responsavelmente sua vocação cristã onde quer que se situe⁶⁰.

Realizou-se, até aqui, uma abordagem sistematizadora e de resgate histórico do tema do *Sacerdócio Universal* em Lutero. Observou-se que as provocações do reformador não deixaram de suscitar reações contrárias, em função dos interesses de poder pontuados na concepção e prática de sacerdócio no catolicismo de seu tempo. O sacerdócio romano vinha justificado como Sacramento, como mediação da graça divina por meio de uma classe de pessoas que inadvertidamente se considerava superior aos demais cristãos, detentora de um poder especial. É útil atentar-se que em nenhum dos textos mencionados com mais frequência no presente trabalho – À Nobreza Cristã da Nação Alemã; *Como Instituir Ministro na Igreja; Direito e Autoridade de uma Assembleia ou Comunidade Cristã de Julgar toda Doutrina, Chamar, Nomear e Demitir Pregadores; Do Cativeiro Babilônico da Igreja e Tratado de Martinho Lutero sobre a Liberdade Cristã* – encontram-se apenas considerações acerca do sacerdócio sob o ponto de vista do livre acesso, pela fé, de cada cristão à presença de Deus. Sempre e concomitantemente fazem-se alusões ao ministério que foi confiado a todos os que creem⁶¹. A metáfora sacerdotal, segundo a compreensão do reformador, tornara-se palpável entre os poderes constituídos.

Em Lutero, sacerdócio e ministério são expressões análogas, por fim, sinônimas. A maneira como ele aproximou sua formulação do *Sacerdócio*

⁶⁰ STOTT, 1987, p. 120-121.

⁶¹ Para informações acerca dos motivos que levaram o reformador a escrever cada uma destas obras, recomenda-se a leitura das introduções constantes no início das mesmas, em conformidade com as referências que seguem:

LUTERO, À Nobreza Cristã da Nação Alemã, acerca da Melhoria do Estamento Cristão, 1989, v. 2, p. 277-278; LUTERO, Como Instituir Ministro na Igreja, 2000, v. 7, p. 81-82; LUTERO, Direito e Autoridade de uma Assembleia ou Comunidade Cristã de Julgar toda Doutrina, Chamar, Nomear e Demitir Pregadores – Fundamento e Razão da Escritura, 2000, v. 7, p. 16-19; LUTERO, Do Cativeiro Babilônico da Igreja, 1989, v. 2, p. 341-343;

LUTERO, Tratado de Martinho Lutero sobre a liberdade cristã, 1989, v. 2, p. 435-436.

Universal, conforme apresentado nas primeiras três subseções do presente tópico, com o *Ministério da Igreja*, é objeto de atenção especial na sequência argumentativa. No reformador podem ser encontradas duas afirmações a esse respeito, que são dependentes entre si e devem ser, metodologicamente, tratadas de modo dialógico. O ministério da Palavra de Deus foi confiado a todos os que creem e é exercido por estes. Trata-se da sempre atual e permanente exortação mútua que necessariamente acontece nos lugares em que esta Palavra esteja sendo anunciada, pois “é impossível não haver cristãos ali onde anda o Evangelho, por menor que seja o seu número e, por mais pecaminosos e frágeis que sejam”⁶². O que é de todos deve expressar-se por meio de tudo que promove a vivência da fé em comunidade; ninguém pode ab-rogar este direito de todos, fazendo-o valer a intentos pessoais privados e por mais que os exerça publicamente⁶³.

A palavra *serviço* (“ministério”, *diakonia*) é usada aqui não para descrever a obra de pastores mas, sim, a obra do chamado laicato, ou seja, de todo o povo de Deus, sem exceção. Aqui temos evidência indiscutível de como o Novo Testamento vê o ministério: não como a prerrogativa de uma elite clerical mas, sim, como a vocação privilegiada de todo o povo de Deus. Graças a Deus que em nossa geração esta visão bíblica de um “ministério de todos os membros” está tornando-se coisa firme na igreja.⁶⁴

A outra asseveração, apenas aparentemente contraditória, é que esta Palavra que foi confiada a todos e, por estes, é sempre de algum modo ensinada, necessita igualmente de uma escolha, com a devida ordem, de pessoas específicas para fazê-la circular. Um ou quantos forem necessários, em determinada comunidade cristã, devem ser escolhidos para assumir funções de liderança, com a responsabilidade de cooperar para que o ministério de todos se realize e se multiplique neste meio e mundo afora. Estas acabam desincumbindo-se de funções que a princípio todos poderiam fazer, pondo-as em prática em lugar e em nome dos demais. Este pressuposto de escolha ao exercício de funções de liderança, de modo algum, evoca, em Lutero, a exigência de um rito que supostamente venha

⁶² LUTERO, Direito e Autoridade de uma Assembleia ou Comunidade Cristã de Julgar toda Doutrina, Chamar, Nomear e Demitir Pregadores – Fundamento e Razão da Escritura, 2000, v. 7, p. 28.

⁶³ A expressão “publicamente” refere-se ao tipo de ministério que não se põe a serviço de sua multiplicação.

⁶⁴ STOTT, 1987, p. 120. Este é um comentário de Stott à passagem bíblica de Efésios 4.11-12, apresentada na nota de rodapé 59.

a atrair uma unção divina especial a tais pessoas selecionadas; um Sacramento. Trata-se, pois, de uma questão de ordem, para que se evite o caos da repetição e da sobreposição (1 Co 14.26-40).

Tudo o que dissemos refere-se ao direito comum dos cristãos. Pois, visto que todas essas coisas pertencem a todos os cristãos (como provamos), a ninguém é permitido interferir por autoridade própria ou arrebatá-la para si o que é de todos. Faz uso desse direito e execute-o onde não há ninguém que possua direito similar. Mas essa comunhão de direitos exige que um, ou quantos a comunidade cristã queira, sejam escolhidos ou aceitos e que, em lugar e em nome de todos que têm o mesmo direito, execute esses ofícios publicamente, para que não surja uma confusão torpe entre o povo de Deus, e se instale uma Babilônia na Igreja, mas todas as coisas sejam feitas em ordem, como ensinou o apóstolo. Pois uma coisa é executar a lei pública, outra, fazer uso do direito em caso de necessidade. A lei pública não pode ser executada sem o consenso de todos ou da Igreja. Em caso de necessidade, pode fazer uso dela quem quiser.⁶⁵

2.4.1 Ministério de todos

O ministério por ser de Deus e ter sido confiado à igreja é de todos. Esta convicta consciência do reformador, que nasceu da simetria conceitual encontrada em sua leitura bíblica acerca do tema do sacerdócio, qual dobradiça que une a lógica do louvor a Deus e a parêncese, possui amplitude por ser auscultada. A comunhão do crente justificado, por graça, com Deus, constrange-o ao testemunho, ao serviço. Onde Lutero via isto acontecer? Em todos os lugares onde a Palavra de Deus era anunciada e acolhida em fé: no ensino e pregação do evangelho, na celebração da Ceia do Senhor, no Batismo, na confissão mútua de pecados, no sacrifício pessoal em prol do evangelho, nas orações de intercessão e na capacidade de discernir o que é ensinado⁶⁶. O “ministério da Palavra é o ofício supremo da Igreja”⁶⁷.

O ministério *emerge* do *Sacerdócio Universal*, que difere de afirmar que decorre⁶⁸; simplesmente porque, repete-se, foi confiado à toda igreja. Um sacerdócio, um ministério: testemunhar do evangelho de Jesus Cristo. Não é possível encontrar, em Lutero, justificativa que ateste outro fundamento para o

⁶⁵ LUTERO, Como Instituir Ministro na Igreja, 2000, v. 7, p. 105.

⁶⁶ LUTERO, Como Instituir Ministro na Igreja, 2000, v. 7, p. 94.

⁶⁷ LUTERO, Como Instituir Ministro na Igreja, 2000, v. 7, p. 96.

⁶⁸ LUTERO, Do Cativeiro Babilônico da Igreja, 1989, v. 2, p. 414.

ministério da igreja cristã, em toda a sua variedade, situando-o à parte ou mesmo acima do princípio do *Sacerdócio Universal*. Tal já foi afirmado à exaustão nas análises feitas. Cabe demonstrá-lo, na sequência, por meios de exemplos práticos, tirados da pena do próprio reformador. A obra que se privilegia, para tal, é *Como Instituir Ministro na Igreja*, de 1523.

Dizia o reformador que se “oferecemos a Palavra a alguém, evidentemente não lhe podemos negar nada que é pertinente ao sacerdote.”⁶⁹. Aquele que recebe ensino não consegue deixar de ensiná-la e, nisto que faz será sempre um sacerdote em serviço. Tal dinâmica, que não deve ser cerceada por ninguém, ocorre na família, nas ruas, nos ambientes de trabalho e nos lugares de reunião da igreja. Todos os que conhecem a mensagem do evangelho de Cristo são interpelados pelo Espírito Santo⁷⁰ a também anunciar-lá; trata-se de testemunho público, isto é, não feito à revelia e às escondidas da comunidade em seu todo, mesmo que ocorra em espaços onde se encontram apenas poucas pessoas⁷¹. Uma das passagens bíblicas, entre outras mencionadas por Lutero, que fundamenta esta ideia do livre trânsito do testemunho de todos os cristãos para edificação mútua é 1 Coríntios 14.31: “Porque todos podereis profetizar, um após outro, para todos aprenderem e serem consolados”⁷²; ainda que este versículo deva ser lido no contexto das recomendações do apóstolo Paulo de que na comunidade cristã tudo deve ser feito com base em uma ordem estabelecida em comum acordo (1 Co 14.26-40).

O ministério público confiado a algumas pessoas, sobre o qual se discorre na próxima subseção é, para Lutero, uma *organização oportuna*⁷³, prática e útil à comunidade cristã, para que esta exerça publicamente sua vocação:

⁶⁹ LUTERO, Como Instituir Ministro na Igreja, 2000, v. 7, p. 95.

⁷⁰ O estudioso de Lutero, Karl Holl, destaca que algumas manifestações do reformador em defesa da necessidade de mediação do Espírito Santo no testemunho da Palavra de Deus parecem tocar as raias do entusiasmo. HOLL, 1927, v. 1, p. 291-292.

⁷¹ LUTERO, Como Instituir Ministro na Igreja, 2000, v. 7, p. 95.

⁷² BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada com reflexões de Lutero**, 2012, p. 1087. LUTERO, Como Instituir Ministro na Igreja, 2000, v. 7, p. 96.

⁷³ A expressão *organização oportuna* (zweckmässige Einrichtung) é tomada de Ivar Asheim, em seu estudo: O Sacerdócio Universal e a autoridade da Igreja em Lutero. ASHEIM, Ivar. Das allgemeine Priestertum und die kirchliche Autorität bei Luther. In: **Estudos Teológicos**. São Leopoldo, v. 8, n. 2, 1968, p. 58-61.

Há também textos em que a “proclamação pública” está explicitamente ligada ao sacerdócio geral. [...] O sacerdócio geral em Lutero inclui, sem dúvida, a total liberdade do testemunho cristão, que não exige nenhuma outra motivação ou vocação diferente da bíblica, que o próprio Lutero gosta de citar em tais contextos: “Eu me tornei um crente, eu estou falando”.⁷⁴

Na mesma obra, *Como Instituir Ministro na Igreja*, Lutero certifica que todas as vezes que alguém se integra em uma celebração da Ceia do Senhor, assim o fazendo em memória do que Cristo realizou por todos, ocorre uma ordenação do ministério, ou seja, a Palavra passa a ser anunciada nessa sua participação. “Comemorar a morte do Senhor é direito e dever de todos, para que Deus seja louvado e glorificado em suas virtudes”⁷⁵. A Ceia é ofício que “pertence a todos”, ou melhor, a todos que venham “a comer esse pão e beber esse cálice”⁷⁶.

O *Sacerdócio Universal* visto sob o prisma do *Ministério da Igreja*, da multiplicação de ministérios entre o povo de Deus, segundo o reformador, é passível, como já foi expresso, de fecundas aproximações com desafios teóricos, práticos e vivenciais contemporâneos que se relacionam com o assunto; pode-se transformá-lo em *modelo de referência* para discorrer a esse respeito. Um exemplo desta atualidade temática é a obra de Justo González, *Ministério: vocação ou profissão*: o preparo ministerial ontem, hoje e amanhã. A constatação deste autor é que “enquanto o ministério laico e os estudos necessários para a sua preparação despertam entusiasmo, não existe interesse pelo ministério ordenado”.⁷⁷ Para este autor, esta crise do ministério ordenado, que ele situa como de tempo integral, é mais acentuada no meio católico do que no protestante. Porém, neste último, há o sério problema da qualidade da formação oferecida aos candidatos:

[...] existem claros indícios de que uma das causas da atual escassez de vocações sacerdotais é que as tarefas às quais muitos padres precisam dedicar boa parte de seu tempo estão muito distantes do trabalho pastoral propriamente dito. São tarefas administrativas e sacramentais que não

⁷⁴ ASHEIM, 1968, p. 58 e 59. A passagem bíblica a que se refere o autor na presente citação é 2 Coríntios 4.13.

⁷⁵ LUTERO, *Como Instituir Ministro na Igreja*, 2000, v. 7, p. 96.

⁷⁶ LUTERO, *Como Instituir Ministro na Igreja*, 2000, v. 7, p. 97.

⁷⁷ GONZÁLEZ, Justo L. **Ministério**: vocação ou profissão: o preparo ministerial ontem, hoje e amanhã. São Paulo: Hagnos, 2012, p. 5. O autor oferece, após descrever em vários capítulos a história da formação teológica para o exercício do ministério da igreja, um último capítulo no qual discorre sobre os desafios atuais e futuros da preparação ao serviço do evangelho.

despertam a imaginação nem o entusiasmo dos jovens que procuram uma profissão que lhes ofereça sentido à vida. (...) O problema se encontra na falta de conexão entre esse chamado e boa parte do que se oferece em termos de preparação para o ministério.⁷⁸

Outro lugar de manifestação do *Ministério da Igreja*, em Lutero, é o Batismo. Aqui se faz menção não somente à pessoa que realiza o rito, mas aos que vêm ao mesmo e deixam batizar: “[...] ao batizarmos, proferimos a vivificante Palavra de Deus, que regenera as almas e redime da morte e dos pecados [...]”⁷⁹. Trata-se, pois, de um “ministério eclesiástico público”⁸⁰, “a majestade da Palavra de Deus que reina no Batismo.”⁸¹. O reformador menciona que em seu tempo, no meio católico, fora delegado a mulheres a realização de batismos e que clérigos, neste contexto, não davam o devido valor à prática batismal. Nada mais justo, dizia ele, pois “também as mulheres exercem o legítimo sacerdócio quando batizam. Não o fazem por obra privada, mas pelo ministério eclesiástico público...”⁸².

No ensino e pregação, na Ceia do Senhor, no Batismo, entre outras manifestações da Palavra, conforme a seguir, portanto, manifesta-se claramente o ministério confiado por Deus a todos e por todos é realizado. Em todos estes espaços a justificativa para a ação é sempre o evangelho de Jesus Cristo, cabendo à igreja e às lideranças seu fomento, ordenação e organização.

No que diz respeito ao ofício da confissão de pecados que ocorre em mútua exortação, Lutero diz: “[...] somos cristãos, temos o ofício das chaves em comum”⁸³, “Se teu irmão pecar contra ti, repreende-o, e ganhaste o irmão”⁸⁴. Aqui nada mais se faz “do que pregar e aplicar o Evangelho”⁸⁵. No ouvir a confissão de alguém, no perdão estendido, em nome de Cristo, acontece diariamente ministério entre o povo de Deus. Pode sobrevir em âmbito privado, como deveria

⁷⁸ GONZÁLEZ, 2012, p. 5-6.

⁷⁹ LUTERO, Como Instituir Ministro na Igreja, 2000, v. 7, p. 96.

⁸⁰ LUTERO, Como Instituir Ministro na Igreja, 2000, v. 7, p. 96.

⁸¹ LUTERO, Como Instituir Ministro na Igreja, 2000, v. 7, p. 96.

⁸² LUTERO, Como Instituir Ministro na Igreja, 2000, v. 7, p. 96.

⁸³ LUTERO, Como Instituir Ministro na Igreja, 2000, v. 7, p. 98. O ofício das chaves encontra-se fundamentado na passagem bíblica de Mateus 18.15-20, especialmente o verso 18.

⁸⁴ LUTERO, Como Instituir Ministro na Igreja, 2000, v. 7, p. 98-99, conforme Mateus 18.15.

⁸⁵ LUTERO, Como Instituir Ministro na Igreja, 2000, v. 7, p. 100.

ser o caso da dinâmica que se desenvolve nos círculos familiares, não deixando de ter, entretanto, também um caráter público, pois se trata de um ofício que todo cristão pode exercitar, em qualquer lugar. O que não deveria ocorrer é ignorar-se a existência do pecado, que necessita ser confessado a fim de que se preserve a comunhão cristã⁸⁶. A boa obra de ouvir uma confissão e de anunciar perdão é ministério que todos os verdadeiramente cristãos fazem, pois não ignoram a existência dos pecados.

Na confissão dos pecados e no anúncio do perdão se atualizam as promessas invocadas no Batismo. Em um tempo em que o sentimento básico das pessoas é de fragmentação interior e de falta de tranquilidade⁸⁷, torna-se mais que necessário a multiplicação de serviços em ambiente de comunidade ou fora deste no qual se abram oportunidades para a confissão mútua, pois não resta mais lugar para:

[...] a fé arrogante, que despreza o caído e marginaliza o pecador. Jesus, por sua graça, nos libertou para proteger, e não para marginalizar, para incluir, e não desprezar, para amar sem exigências hipócritas de perfeição. Em sua graça, somos livres para abraçar a todos igualmente, “*pois todos pecaram*” (Rm 3,23), e para acolher nossa própria humanidade, pecadora, porém redimida pela graça de Cristo [...]”⁸⁸

Lutero menciona ainda mais espaços e oportunidades para o exercício do ministério que é comum a todos. Fundamentado em duas passagens bíblicas do Novo Testamento, Romanos 12,1 e 1 Pedro 2,5⁸⁹, menciona o sacrifício do próprio corpo, como oferta “de louvor e ação de graças”⁹⁰. Trata-se, pois, daquele sacrifício moderado, de caráter parenético, por meio do qual se serve aos outros

⁸⁶ LUTERO, Como Instituir Ministro na Igreja, 2000, v. 7, p. 100.

⁸⁷ GRÜN, Anselm. **O ser fragmentado**: da cisão à integração. 3. ed. Aparecida: Ideias & Letras, 2004, p. 7.

⁸⁸ SEGURA, C., Harold. **Além da utopia**: liderança servidora e espiritualidade cristã. Curitiba: Encontro, 2007, p. 151.

⁸⁹ “Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional.” (Rm 12,1). “[...] também vós mesmos, como pedras que vivem, sois edificados casa espiritual para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo.” (1 Pe 2,5). BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada com reflexões de Lutero**, 2012, p. 1063 e p. 1185.

⁹⁰ LUTERO, Como Instituir Ministro na Igreja, 2000, v. 7, p. 100.

para o louvor da obra de Deus em Cristo. Não deve ser confundido com algum suposto sacrifício que se anuncie como mediação entre Deus e os seres humanos, segundo o já mencionado Sacramento da Ordem. “Hoje”, diz o reformador, “[...] não pode existir nenhum sacrifício a não ser aquele que é sacrificado e realizado pela Palavra de Deus e, sendo a Palavra propriedade de todos (como já dissemos), também o sacrifício deve pertencer a todos.”⁹¹ Tratam-se de sacrifícios de caráter espiritual, por serem “realizados em espírito e verdade [...] pelo cristão que tem o Espírito de Cristo”; “acontece pela fé e pelo Espírito, não por meio de sacrifício.”⁹².

A igreja dos dias atuais tem, em função da complexidade que caracteriza o mundo contemporâneo, necessidade de mais e mais pessoas dispostas a se doar pela causa do evangelho a favor da vida e salvação da humanidade. Sacrificar-se sem uma causa que se sustente por si mesma, como ocorreu nos tempos modernos, nos quais se exigia uma ética do cumprimento do dever pelo dever, não encontra mais lugar no coração humano. O sacrifício preconizado pelo cristão sacerdote, porém, não é aquele que se propõe ao custo de um rompimento consigo mesmo: “A velha ética tornou-se para o homem moderno não somente insuficiente para solucionar os seus problemas morais urgentes, mas ainda o coloca em perigo pela tendência à divisão, que é uma consequência de sua concepção dualista do mundo e dos valores.”⁹³ O sacrifício do cristão, enquanto tal, brota do louvor a Deus, é corajoso, moderado e amoroso (2 Tm 1.7).

Em relação à oração de intercessão como expressão de um sacerdócio ministerial de todos, Lutero expressou que orar “pelos outros significa servir de intermediador e interpelar a Deus, o que compete somente a Cristo e a todos os seus irmãos.”⁹⁴ Quando, por exemplo, o povo de Deus ora em uníssono o Pai Nossa, legado por Cristo, fica evidente que essa oração foi destinada a todos e que “foi ordenado a todos a exercer a função do sacerdócio.”⁹⁵ Orar é fazê-lo no Espírito, por meio do qual se chama Deus de *Aba*, Pai (Rm 8.15). Somente os que assim oram são sacerdotes⁹⁶.

⁹¹ LUTERO, Como Instituir Ministro na Igreja, 2000, v. 7, p. 101.

⁹² LUTERO, Como Instituir Ministro na Igreja, 2000, v. 7, p. 101.

⁹³ ROBLES, Deusa Rita Tardelli. A ética do cuidar na contemporaneidade. In: **Revista Psicoteologia**, São Paulo, Ano XXI, n. 53, 2. Semestre de 2013, p. 31.

⁹⁴ LUTERO, Como Instituir Ministro na Igreja, 2000, v. 7, p. 101.

⁹⁵ LUTERO, Como Instituir Ministro na Igreja, 2000, v. 7, p. 101.

⁹⁶ LUTERO, Como Instituir Ministro na Igreja, 2000, v. 7, p. 103. A relação indissociável

O último dos sete ofícios voltados à prática ministerial de todos os que creem, mencionados por Lutero em *Como Instituir Ministro na Igreja*, relaciona-se com a capacidade e o dever de discernimento e consequente ajuizamento de tudo o que é pregado na igreja. Eles são permitidos e ordenados aos que ouvem aqueles que os ensinam⁹⁷. Várias são as passagens bíblicas que embasam o pensamento do reformador⁹⁸. Citada no escrito em questão⁹⁹ e em *Direito e Autoridade de uma Assembleia ou Comunidade Cristã de Julgar toda Doutrina, Chamar, Nomear e Demitir Pregadores*¹⁰⁰, a passagem do evangelho de João 10.5 e 27 – “[...] mas de modo nenhum seguirão o estranho; antes, fugirão dele, porque não conhecem a voz dos estranhos (Jo 10.5), “As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem” (Jo 10.27)¹⁰¹ – destaca, segundo palavras de Cristo, que seus discípulos são capacitados a discernir entre a voz do pastor de ovelhas e a de estranhos (Jo 10.1-18), não seguindo a destes últimos. Os cristãos exercem seu ministério sacerdotal ao discernir o ensino dos mestres e diante da necessidade de intervir corretivamente, caso estejam ensinando de modo errado¹⁰²; “[...] somos admoestados a não dar crédito a falsos mestres.”¹⁰³.

Este ofício ministerial encontra-se no cerne da exortação mútua que integra o *Sacerdócio Universal*. É necessário que cada um tenha cuidado de si e dos demais, para que se preserve a Palavra da salvação, para que se adquira certeza do que se crê e se deve seguir. Este ajuizamento deve ser inteiramente livre frente a tudo que é pregado. Todo ensino está sujeito ao ensino do Espírito Santo, que outra coisa não faz do que apontar para Cristo: “[...] compete observar se o que crês te

entre oração e sacerdócio foi descrita na subseção 2.2.

⁹⁷ LUTERO, Como Instituir Ministro na Igreja, 2000, v. 7, p. 103.

⁹⁸ Citam-se aqui as passagens bíblicas na ordem em que são apresentadas e comentadas por Lutero: João 10.5, 27; Mateus 23.2-3; João 6.45; 1 Coríntios 14.30-32; Gálatas 2.14-21; João 14.26; 1 João 2.27; Mateus 23.8, 10. LUTERO, Como Instituir Ministro na Igreja, 2000, v. 7, p. 103-104.

⁹⁹ LUTERO, Como Instituir Ministro na Igreja, 2000, v. 7, p. 103.

¹⁰⁰ LUTERO, Direito e Autoridade de uma Assembleia ou Comunidade Cristã de Julgar toda Doutrina, Chamar, Nomear e Demitir Pregadores – Fundamento e Razão da Escritura, 2000, v. 7, p. 29-30.

¹⁰¹ BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada com reflexões de Lutero**, 2012, p. 990 e 991.

¹⁰² Este assunto é retomado no início da próxima e última subseção.

¹⁰³ LUTERO, Como Instituir Ministro na Igreja, 2000, v. 7, p. 103.

resulta em supremo perigo ou benefício.”¹⁰⁴

Os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas. [...] cristão é aquele que tem o Espírito Santo que (como diz Cristo) tudo ensinará. [...] o cristão está tão certo do que deve crer e do que não deve, que quererá ou está disposto a morrer por isso. [...] a fraternidade e a comunhão não permitem que um seja superior ao outro, ou tenha maior herança ou direito, ainda mais em questões espirituais, das quais estamos tratando. Por isso não temos apenas o direito de reivindicar o ofício de julgar, bem como todos os demais acima enumerados, mas, se não o recuperarmos, estaremos negando a Cristo como irmão.¹⁰⁵

2.4.2 Ministério de alguns em lugar e nome dos demais

O sacerdócio não é outra coisa que ministério¹⁰⁶.

Todos os cristãos são sacerdotes [...] Mas, nem todos são presbíteros, isto é, ministros [...] Todos os cristãos são sacerdotes, mas nem todos exercem o sacerdócio. Mesmo que todos possam ensinar e exortar, ainda assim, um só deve fazê-lo. O outro deve ouvir, a fim de que não falem ao mesmo tempo.¹⁰⁷

Teria o reformador incorrido em contradição em suas considerações acerca da relação entre sacerdócio e ministério? Em 1520, em um de seus escritos mais polêmicos, *Do Cativeiro Babilônico da Igreja*, Lutero afirma que o sacerdócio outra coisa não é do que ministério¹⁰⁸. Já em *Anotações de Lutero sobre a Epistola de Paulo a Tito*, sete anos mais tarde (1527)¹⁰⁹, é declarado que todos são sacerdotes, mas nem todos exercem o sacerdócio, que todos são sacerdotes, mas nem todos são presbíteros, ministros¹¹⁰. Afinal, o ministério da Palavra acerca da salvação em Jesus Cristo foi confiado à igreja ou somente a alguns?

Sustenta-se que não há contradição, pois o ministério *emerge* do

¹⁰⁴ LUTERO, Como Instituir Ministro na Igreja, 2000, v. 7, p. 103.

¹⁰⁵ LUTERO, Como Instituir Ministro na Igreja, 2000, v. 7, p. 104.

¹⁰⁶ LUTERO, Do Cativeiro Babilônico da Igreja, 1989, v. 2, p. 414.

¹⁰⁷ LUTERO, Martinho. Anotações de Lutero sobre a Epístola de Paulo a Tito. In: **Obras Selecionadas**: Interpretação do Novo Testamento – Gálatas – Tito. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 1989, v. 10, p. 574.

¹⁰⁸ Conforme notas 11, 56, 68 e 106.

¹⁰⁹ Esta obra reúne as anotações de um ouvinte das preleções de Lutero acerca do livro do apóstolo Paulo, destinado a Tito, de nome Jorge Rörer. Estas ocorrem na Universidade de Wittenberg entre 11 de novembro e 11 de dezembro de 1927. LUTERO, Anotações de Lutero sobre a Epístola de Paulo a Tito, 1989, v. 10, p. 561-562.

¹¹⁰ Conforme as duas referências acima.

*Sacerdócio Universal*¹¹¹. Manifesta-se de modo variado, pois se decorresse poderia ser limitado a um grupo de pessoas apenas, provocando uma inevitável distinção de classes entre os que integram a igreja cristã. Há um só ministério de todos os sacerdotes, exercido por meio da exortação mútua, como exposto na subseção anterior. Porém, como insistentemente lembra Lutero, por uma questão de ordem no desenvolvimento deste serviço de todos para o louvor de Deus no mundo, é necessário que uma ou mais pessoas sejam escolhidas para ministrar a Palavra de Deus publicamente. Esta organização oportuna¹¹² é exigida para estruturar o testemunho da igreja; não tolhe o testemunho de todos os cristãos, nem em âmbito privado e nem no público, antes o apoia. Não “se trata de um ou outro sacerdócio, mas de um e outro uso diferente do mesmo sacerdócio.”¹¹³.

Há sempre uma inevitável e apropriada demanda por escolha de uma ou mais pessoas, para que venham a assumir funções de liderança no contexto de determina comunidade cristã, que serão seus pastores, presbíteros ou outro nome que se intente atribuir para identificá-las frente às tarefas que lhes foram incumbidas. No exercício destas atribuições tais líderes têm primazia – a saber, a que emerge da Palavra, não a de uma suposta superioridade pessoal –, em outras palavras, são os que põem em prática o ministério sacerdotal, enquanto que os demais integrantes da igreja, também sacerdotes e sacerdotisas, ministros e ministras, honram aqueles que escolheram para serem seus preceptores, consentindo com seu trabalho e não se sobrepondo aos mesmos. Nem todos podem pregar e ensinar ou desincumbirse de tarefas ao modo daquelas que foram atribuídas a alguns. Por exemplo, se todos pregassem na assembleia dos cristãos, seu culto, se provocaria uma enorme confusão; ainda que no ouvir dos cristãos, não se pressupõe passividade, antes a capacidade advinda da Palavra de Deus e do agir do seu Espírito para discernir e ajuizar o que foi proclamado. O sacerdócio e serviço de todos demanda o ministério de alguns em lugar e em nome dos demais, permanecendo o mesmo e único ofício proposto no evangelho de Jesus Cristo:

De acordo com as escrituras evangélicas, seria melhor chamá-los de ministros, diáconos, bispos, administradores, sendo com maior frequência, também, chamados de presbíteros por causa de sua idade. Em 1 Co 4 [.] Paulo diz o seguinte: “Assim se nos considere como ministros de Cristo

¹¹¹ Conforme parágrafo referenciado pela nota 68, bem como toda a subseção 2.4.1.

¹¹² Conforme nota 73.

¹¹³ LUTERO, Como Instituir Ministro na Igreja, 2000, v. 7, p. 105.

e despenseiros dos mistérios de Deus”. Paulo não diz: “como sacerdotes de Cristo”, porque bem sabia que o nome e o ofício do sacerdote era comum a todos. Daí procede a célebre palavra de Paulo “administração” ou “economia”, “ministério”, “ministro”, “servo”, “sirvo no Evangelho”, etc., para de nenhum modo, erigir um status, uma ordem, um direito ou dignidade (como querem os nossos), recomendando apenas o ofício e o serviço, deixando o direito e a dignidade do sacerdócio para a comunidade.¹¹⁴

O fato é que se pode perceber em Lutero, em sua leitura da tradição bíblica do sacerdócio, uma tensão, entre o que é de todos e por todos é realizado – o testemunho da Palavra de Deus – com o que foi confiado a alguns e por estes é feito em nome dos demais: a pregação pública do evangelho enquanto uma organização oportuna para multiplicar os ministérios. Esta tensão deve manter-se no âmbito da exortação mútua – ainda que, na prática, não seja o que sempre ocorre –, por uma questão de ordem e por respeito ao chamado de Deus para o desempenho de distintos chamados: “porque Deus não é de confusão, e sim de paz.”¹¹⁵ Não cabe à igreja polarizar, uma vez que se trata de comunidade reconciliada, sujeita ao sumo sacerdócio de Cristo. Os líderes e a igreja toda são proféticos, isto é, têm conhecimento da Palavra de Deus acerca de Cristo, de modo que estão sujeitos uns aos outros: “Os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas”. E mais: ‘Podeis profetizar todos, um de cada vez.’¹¹⁶

O reformador da igreja tinha consciência, já na ocasião em que escreveu *Do Cativeiro Babilônico da Igreja* e em que assenta não ser o sacerdócio outra coisa do que ministério, da necessidade de se escolher ministros para o exercício público do testemunho do evangelho: “No entanto, os que denominamos de sacerdotes são ministros, eleitos dentre nós, que devem fazer tudo em nosso nome.”¹¹⁷ É assim que deve ser entendida também sua afirmação de que nem todos são presbíteros, ministros, que nem todos exercem o sacerdócio, que um só deve ensinar e exortar, enquanto os demais devem ouvir, para que não todos falem ao mesmo tempo¹¹⁸. Nem todos podem ser escolhidos para exercer a oportuna e contínua

¹¹⁴ LUTERO, Como Instituir Ministro na Igreja, 2000, v. 7, p. 106.

¹¹⁵ BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada com reflexões de Lutero**, 2012, p. 1087. 1 Coríntios 14.33.

¹¹⁶ LUTERO, Como Instituir Ministro na Igreja, 2000, v. 7, p. 104, conforme 1 Coríntios 14.32 e 14.31.

¹¹⁷ LUTERO, Do Cativeiro Babilônico da Igreja, 1989, v. 2, p. 414.

¹¹⁸ Conforme citação da nota 107.

liderança pública de pregar e ensinar a Palavra de Deus, responsabilizando-se por “ordenar” os “ouvidos para que ouçam”, a fim de que pessoas venham a crer e para que a prática exortativa de todos se efetive no âmbito das congregações cristãs e no mundo. Fazer algo em nome de todos não envolve transferência de responsabilidades, apenas transmissão das mesmas a certos indivíduos¹¹⁹. O ministério “em lugar e em nome dos demais”, repete-se mais uma vez, existe para diversificar os serviços, conferir autoridade para que “quem quiser ser o primeiro entre vós”, seja “esse o que vos sirva”¹²⁰.

Aos ministros escolhidos cabe, segundo Lutero, a responsabilidade de realizar o culto, zelar pela convivência comunitária e promover a estruturação da vida da igreja. O reformador rejeitava celebrações feitas por motivações isoladas, isto é, que não estivessem associadas a a serviço da convivência comunitária como um todo e que envolvessem intenções sentenciosas, lacônicas; é a Palavra de Deus acerca de Cristo que sempre deveria ser promovida¹²¹. Indivíduos escolhidos para ministrar a Palavra por meio dos ofícios típicos à vivência do sacerdócio de todos, já detalhados na subseção anterior, servem à unidade da igreja; praticam e motivam a exortação mútua e o testemunho do evangelho. São líderes que em seu modo de agir acabam por promover a *multiplicação* dos empregos do ministério de Cristo; ainda que este termo não se encontre literalmente nos textos do reformador, antes foi aqui tomado do teólogo supramencionado Stott.

Na escolha e ordenação de pessoas para exercer ministérios comunitários – sejam estes em caráter contratual e profissional ou não –¹²², deve levar-se em

¹¹⁹ Na transferência de responsabilidade ocorre um deslocamento. Aquele que transfere não mais permanece com a propriedade daquilo que deslocou. Já na transmissão ocorre uma comunicação; não implica que aquele que assim procedeu deixe de ter direito sobre o que transmitiu. Lutero menciona a transmissão de responsabilidades, não de transferência, quando se refere à escolha de ministros para servir publicamente: “Se o ofício de ensinar a Palavra for transmitido a alguém, se lhe transmite simultaneamente tudo que na Igreja acontece através da Palavra...” LUTERO, Como Instituir Ministro na Igreja, 2000, v. 7, p. 106-107. Pode-se aqui mencionar, como exemplo, a passagem bíblica de 2 Timóteo 2.2: “E o que de minha parte ouviste através de muitas testemunhas, isso mesmo transmite a homens fiéis e também idôneos para instruir a outros.” BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada com reflexões de Lutero**, 2012, p. 1153.

¹²⁰ BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada com reflexões de Lutero**, 2012, p. 892. Mateus 20.27.

¹²¹ GOERTZ, 1997, p. 328.

¹²² Para Lutero a ideia de ministério enquanto profissão era estranha antes de 1535. Porém, também neste período tardio de sua vida, não abre mão do princípio do *Sacerdócio*

consideração a devida competência e preparo destas para exercê-los. De suma importância é que se detectem vivências e dons, carismas (Ef 4.11, Rm 12.6-8, 1 Co 12.4-11), que as tornam aptas para se desincumbirem das tarefas a que estarão sendo encarregadas. Indivíduos ministros sujeitam-se a uma contínua formação para a realização de seu trabalho, sempre à luz da Palavra de Deus testemunhada nas Escrituras. Isto porque seu ofício pertence ao Senhor, ao sumo sacerdote Jesus, o Cristo; não se configurando uma condição, uma dignidade, um *status*¹²³. Em suma, quanto aos critérios de escolha para exercer o ministério, devem considerar-se pessoas apropriadas, com virtudes, talentos e habilidades, potencial de desenvolvimento, disposição para o estudo da Bíblia e o labor teológico. Destaca-se aqui que o termo *competência*, na tradição da igreja cristã, relaciona-se com a pessoa que “havia se tornado apta ao batismo, demonstrada por sua seriedade, compromisso e retidão, em outros termos, um candidato que compreendeu os ensinamentos da fé na prática; alguém que havia se transformado em um teólogo prático e pastoral.”¹²⁴.

No que diz respeito ao tema dos dons espirituais ou carismas, destaca-se que sua presença em cada “membro do corpo” de Cristo (4.11-12) não implica na conclusão que estes foram concedidos por Deus primeiramente em função de um ministério específico que determinada pessoa venha a assumir. Por meio dos carismas Deus instituiu o *Ministério da Igreja*, alicerçado no *Sacerdócio Universal*. Estes foram confiados à igreja toda, originando-se do mesmo e único Espírito de Deus e manifestando-se de modo distinto em cada integrante confesso da igreja (Rm 12.5-8). Há uma só instituição divina: o sacerdócio de todos, que se expressa em diferentes serviços, cabendo à igreja ordenar os ministérios de que tem necessidade, considerando os dons recebidos. Os carismas em sua manifestação pessoal encontram-se sujeitos ao juízo da comunidade cristã:¹²⁵ “Entretanto, procurai, com zelo, os melhores dons.”¹²⁶

Universal. Tarefas ministeriais profissionais podem ser assumidas dentro e para além dos muros de uma igreja local, a representação de seu ofício, porém, permanece sendo comunitária. Não é a ordenação, isto é, o rito de escolha, que transforma um sacerdote ministro em um profissional. GOERTZ, 1997, p. 331.

¹²³ GOERTZ, 1997, p. 329-330.

¹²⁴ FISCHER, Gerson Joni. A construção da competência em ensino e pesquisa na área de Teologia Pastoral. *Via Teológica*, v. 17, n. 33, p. 45, junho/ 2016.

¹²⁵ GOERTZ, 1997, p. 328.

¹²⁶ BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada com reflexões de Lutero**, 2012, p. 1085. 1

E como não se pode tentar a Deus com o pedido de enviar novos pregadores do céu, nós mesmos temos que proceder conforme a Escritura e convocar e instituir aqueles dentre nós que são idôneos para isso e os quais Deus iluminou com entendimento e ainda dotou de talentos.¹²⁷

O reformador tinha consciência de que nem todos os que creem podem exercer o ministério público e regular de pregar e ensinar. Contudo, ao sustentar o pleno poder de todo cristão na Palavra com base nos carismas transmitidos pelo Espírito de Deus, possuindo estes inclusive o direito de julgar com base na Escritura a interpretação que dela é feita na pregação e no ensino, ele preserva a dimensão comunitária de sacerdócio de todos. Em qualquer lugar onde se encontre um cristão, em seu chamado para a vida em comunidade, em sua profissão, em sua família, em seus relacionamentos sociais, ele exerce um ministério por encontrar-se associado à Palavra¹²⁸. A respeito da passagem bíblica de 1 Coríntios 14.27-31, que Lutero costumava mencionar quando sua intenção era acentuar a dinâmica carismática da vida em comunidade – “Se o que estiver sentado tiver uma revelação, silencie-o primeiro”¹²⁹, Voß destacou:

A citação repetida e central desse texto sobre carismas revela que Lutero via nele uma destacada interpretação bíblica dos *loci classicī*. A figura do culto comunitário carismático, que o apóstolo aqui mostra, testemunha uma viva cooperação de todos os membros da comunidade no evento da pregação. No centro encontram-se os carismas da palavra reveladora profética e do discernimento do ensino. A estes Lutero dirigiu seu interesse especial. [...] Lutero vê na passagem de 1 Coríntios uma legitimação bíblica direta para sua compreensão da igualdade dos plenos poderes sacerdotais.¹³⁰

Surge então o que deve ser compreendido, em Lutero, dialogicamente, isto é, de modo pendular. É imprescindível a necessidade de escolha de uma

Coríntios 12.31.

¹²⁷ LUTERO, Direito e Autoridade de uma Assembleia ou Comunidade Cristã de Julgar toda Doutrina, Chamar, Nomear e Demitir Pregadores – Fundamento e Razão da Escritura, 2000, v. 7, p. 31.

¹²⁸ FISCHER, Gerson. **O paradigma da palavra**: a educação cristã entre a modernidade e a pós-modernidade. São Leopoldo: IEPG e Sinodal, 1998, p. 163-178.

¹²⁹ LUTERO, Como Instituir Ministro na Igreja, 2000, v. 7, p. 107.

¹³⁰ VOß, Klaus Peter. **Der Gedanke des allgemeinen Priester- und Prophetentumts**: seine gemeindetheologische Aktualisierung in der Reformationszeit. Wuppertal: R. Brockhaus, 1990, p. 67-68.

ou mais pessoas para exercerem de modo ordenado o ministério da Palavra no contexto de determinada igreja local. Tal contingência não possuía limites: “ou quantos a comunidade queira, sejam escolhidos ou aceitos”¹³¹. Estes ministérios, em seu mais puro sentido funcional, deveriam servir à realização e defesa do *Sacerdócio Universal*. O ministério de uns em lugar e nome dos demais é o único e mesmo sacerdócio posto em movimento pela igreja. Apresenta-se como uma exigência divina enquanto afirmação prática e pública do elemento parenético do sacerdócio:

Ainda que sejamos todos sacerdotes, não podemos e devemos todos pregar, ensinar e governar. É preciso escolher da multidão alguns, separá-los e elegê-los, aos quais deve ser ordenado tal ministério. E quem o ocupa não se torna um sacerdote por vontade do ministério (como o são todos os outros), sendo antes um servo dos demais. E quando este não mais puder ou querer pregar e servir, volta novamente a fazer parte da multidão geral, entrega seu ministério a um outro e não é diferente do que todos os demais cristãos.¹³²

Veja, é preciso distinguir o ministério da pregação ou do serviço do estado sacerdotal de todos os cristãos batizados. Porque este ministério é nada mais do que um serviço público, o qual é ordenado a partir da comunidade em sua totalidade, na qual são todos igualmente sacerdotes.¹³³

Por ser um direito plenipotenciário de todos é que ninguém deve exercer o ministério sem o consentimento dos demais e por iniciativa própria. Apoio e envio são sempre imprescindíveis quando a ação proposta tem implicações públicas e coletivas. Este é o sentido atribuído aos termos ordenar e ordenação em Lutero. Para que a ordem da pregação e serviço à Palavra seja mantida, a comunidade cristã precisa chamar pessoas apropriadas delegando a estas o exercício das tarefas do ministério em caráter público, seja aceitando líderes oriundos de outros contextos ou aqueles escolhidos de seu próprio meio, seja contratualmente ou aqueles que forem chamados a desenvolver ministérios específicos de caráter mais restrito: trabalho com diferentes faixas etárias, de aconselhamento pastoral, entre muitas outras tarefas e funções possíveis. Estas passam a representar o todo, aparecendo como interinas, pois “quando este não mais puder ou querer pregar e servir, volta novamente a fazer parte da multidão geral, entrega seu ministério a um outro e não

¹³¹ LUTERO, Como Instituir Ministro na Igreja, 2000, v. 7, p. 105.

¹³² ALAND, 1974, p. 18. Verbete: Amt.

¹³³ ALAND, 1974, p. 18. Verbete: Amt.

é diferente do que todos os demais cristãos.”¹³⁴

Na relação entre ministros ordenados para o serviço e a comunidade cristã deve, pois, vigorar a ideia de interinidade e representação pública. O que, entretanto, é terminantemente questionado pelo reformador é transformar ritos e serviços religiosos, como o da ordenação, em algo pomposo e superior, passando-se a ideia de que se trata de outra espécie de sacerdócio daquele que é comum a todos os cristãos: “Porque, se nada mais têm a mostrar do que sua tonsura, a unção e a longa túnica para provar seu sacerdócio, permitimos-lhes que se gloriem dessas coisas sórdidas, pois sabemos que é fácil raspar um porco ou um tronco, ungi-lo e vesti-lo com uma longa túnica.”¹³⁵

A tensão decorrente do exercício ministerial de todos com o apoio de alguns e de uns com o aval do todo é e pode ser proativa, mas necessita ser administrada permanentemente. Exemplo deste pensamento do reformador é sua ressalva de que na ausência de ministros escolhidos e ordenados para o desempenho das funções típicas do ministério sacerdotal, todo e qualquer cristão deve pregar e ensinar em todas as suas formas, isto é, segundo os ofícios já nomeados. A necessidade faz a hora: “Faze uso desse direito e executa-o onde não há ninguém que possui direito similar.”¹³⁶ Porém, em contrapartida, quando não houver tal necessidade, ninguém deve se sobrepor por iniciativa pessoal ao que, pelos demais, foi confiado a alguns. Trata-se de regra a ser observada para que não se instale confusão ali onde a igreja se reúne, sob a Palavra de Deus: “a ninguém é permitido interferir por autoridade própria ou arrebatar para si o que é de todos.”¹³⁷

Como discernir entre a hora da sujeição e do silêncio e a em que se deve ser um sacerdote em ativa exortação? Como já foi amplamente discutido, é preciso que a comunidade aprenda a orar, que cada um de seus membros o faça, para se reconhecer a liberdade que lhe foi conferida para falar do que viu e ouviu. Tudo inicia ali onde a Palavra é primeiramente voltada à edificação da pessoa em relação a si mesma; ali onde o Espírito de Deus ensina a cada um acerca do sumo sacerdote. É condição *sine qua non*, sem a qual ninguém permanecerá de pé; pela graça e atitude de fé obediente, ainda que de poucos, a igreja seguirá firme seu

¹³⁴ ALAND, 1974, p. 18. Verbete: Amt.

¹³⁵ LUTERO, Como Instituir Ministro na Igreja, 2000, v. 7, p. 105.

¹³⁶ LUTERO, Como Instituir Ministro na Igreja, 2000, v. 7, p. 105.

¹³⁷ LUTERO, Como Instituir Ministro na Igreja, 2000, v. 7, p. 105.

caminho.

Então, em sequência imediata, se há de discernir entre o dever de sujeitar-se ao ministério de quem oficiosamente o deve assumir segundo as funções confiadas e a hora da exortação, aliás, sempre com disposição para reciprocidade. E tal, por não haver ninguém que o esteja assumindo em dada situação ou lugar, ou devido à constatação de que se o está realizando parcialmente ou equivocadamente. Esta hora, menos cronológica e mais adequadamente um saber-se estar fazendo a coisa certa no lugar e momento certo, acontece em todo momento: no âmbito do mais privado, como é o caso da dinâmica da vida familiar, no contexto da igreja em suas mais diversas oportunidades de congregar e, mais, em associações fraternas de igrejas, em nível regional, nacional e mundial e, ainda e supremamente, no contexto social, onde cada um é chamado a vivenciar com intensidade sua vocação cristã. Todos os cristãos são sacerdotes, todos os sacerdotes são ministros, de um modo ou de outro. Todos são chamados a viver e testemunhar para o louvor de Deus; todos possuem um chamado de Deus para servir de modo privilegiado, a serem, de um modo ou de outro, ordenados pela igreja. O *Ministério da Igreja* é uma totalidade muito maior do que a soma de suas partes, mas que segundo a “justa cooperação de cada parte, efetua o seu próprio aumento para a edificação de si mesmo em amor.”¹³⁸.

A ideia de uma instituição divina para o ministério se relaciona com os serviços que cada cristão é vocacionado a assumir, com os ofícios de liderança ordenados pela igreja, não com uma divisão de esferas de poder do *Sacerdócio Universal*. A teoria de uma instituição divina específica para o ministério com ordenação implicaria em se desfazer a dobradiça que une os elementos doxológico e parenético que caracterizam a obra de Deus em Cristo, com vistas à salvação da humanidade por graça e fé. O sacerdócio deixaria de ser metáfora diante do qual, em última instância, só resta a homens e mulheres renderem-se em adoração e louvor a Deus. Esta é a hipótese que se procurou fundamentar e defender no presente trabalho, à luz do trabalho teológico de Lutero desenvolvido no século XVI.

A falta de consenso a respeito do tema proposto no presente artigo, que pode ser observada não somente na vertente católica romana do cristianismo, mas também na história do protestantismo, possivelmente não se origine tanto na

¹³⁸ BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada com reflexões de Lutero**, 2012, p. 1119. Efésios 4.15.

falta de entendimento do que as testemunhas do Novo Testamento escreveram a esse respeito, nem tampouco da interpretação oferecida pelo reformador. É mais provável que decorra da necessidade de ora acentuar-se mais a multiplicação dos ministérios, ora a liderança protagonista dos que Deus vocacionou e, a comunidade cristã separou para liderar o trabalho em seu meio, degenerando-se, sempre de novo, em disputas intermináveis de poder. Lutero fez uma veemente crítica à compreensão e prática do sacerdócio em seu tempo. Não incorreu no erro, entretanto, de apoiar uma igreja sem ministérios devidamente organizados e transmitidos a pessoas competentes¹³⁹.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ser sacerdote corresponde a ser cristão. E sê-lo, envolve testemunharativamente a obra de redenção de Deus no mundo. Uma vez que este ministério se corrompa pelo uso inadequado deste poder, perde-se a moderação quando o assunto é falar e agir em nome do evangelho. Se a tensão de tudo o que envolve ser sacerdote não for mantida em permanente oração e exortação, transformar-se-á em campo de conflito e em desiderato, manifestação dos mais nefastos desejos que se escondem na natureza humana. Equívocos e mal entendidos em relação ao *Ministério da Igreja*, ao contrário, demandam que todos os esforços sejam direcionados a que sempre novamente se esclareça o que se entende e pratica sob este título¹⁴⁰.

Não há lugar para um duplo reinado e sacerdócio na igreja cristã. O que há é a necessidade de ordenação de diferentes ministérios, considerando-se sempre os dons confiados por Deus e as competências pessoais. O membro do corpo de Cristo que revela uma postura cristã responsável em seu meio familiar e social, no exercício de sua vocação cidadã e profissional, também é ministro ou ministra e está integrado ao círculo daqueles que louvam o sumo sacerdote Cristo; tem a mesma carência de ser abraçado no círculo exortativo mútuo dos

¹³⁹ A menção frequente de Lutero das exortações do apóstolo Paulo aos cristãos de Corinto em relação à necessidade de se ordenar o ministério confiado à igreja, atesta a consciência que o reformador possuía da tensão envolvida. Indica-se para aprofundamento do tema do *Ministério da Igreja* através dos séculos de história do cristianismo a obra já referenciada de Justo L. González.

¹⁴⁰ GOERTZ, 1997, p. 327.

que são irmãos e irmãs devido a sua confissão de fé em Jesus Cristo. Não por último, demandam-se a ordenação de pastores, presbíteros, lideranças e outros que se apresentarem úteis para o efetivo testemunho do evangelho, animando e propiciando-lhes acesso a uma formação contínua, de base bíblico-teológica e ministerial, para o desempenho de suas funções.

O tema proposto no presente trabalho se dirige ao prosseguimento de reflexões e pesquisas, que são, concomitantes, conceituais e práticas. Seguem algumas indagações que são dignas de aprofundamento. Quem são estas pessoas que podem vir a ser escolhidas, no contexto da igreja cristã, para ministrar com funções de liderança pública? Como promover o contínuo diálogo entre homens e mulheres, sacerdotes e sacerdotisas, no exercício de seu ministério, dadas suas diferenças e complementaridade? Que novas estruturas eclesiásticas se fazem hoje necessárias para dar prosseguimento ao testemunho do evangelho? Quais são as tarefas a serem assumidas por líderes em posição supra-eclesiástica, considerando-se que são igualmente sacerdotes a serviço da igreja, tanto local, quanto aquela advinda de associações em cooperação? A mudança de líderes para outros campos de atuação, por exemplo, de uma igreja local para outra de uma mesma organização eclesiástica, não demanda nova ordenação da igreja, uma vez que as tarefas que assumem envolvem sempre a mesma Palavra de Deus a ser pregada e ensinada e para o exercício das quais foram uma vez escolhidos. Porém, como promover a adaptação e contextualização destas pessoas, dadas as peculiaridades de cada comunidade cristã? A convicção que pautou a presente pesquisa e artigo pode expressar-se por meio das seguintes palavras de González:

Deus já está reformando a igreja. Ele a está reformando, quer a igreja aceite ou não. O futuro de Deus vem sobre nós, gostemos ou não. [...] Tudo isso não depende de nós, e sim da ação e da promessa do Senhor que declarou que as portas do inferno – e muito menos as do século XXI – não prevalecerão contra a igreja. Portanto, o que agora nos compete não é ver como tornar possível a reforma que Deus exige e promete, mas sim como podemos nos unir a ela.¹⁴¹

REFERÊNCIAS

ALAND, Kurt. (ed.). **Lutherlexikon**. 3. ed. Göttingen: Ehrenfried Klotz e Vandenhoeck &

¹⁴¹ GONZÁLEZ, 2012, p. 175.

- Ruprecht, 1967.
- ASHEIM, Ivar. Das allgemeine Priestertum und die kirchliche Autorität bei Luther. In: Estudos Teológicos. São Leopoldo, v. 8, n. 2, 1968, p. 53-71.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada com reflexões de Lutero**. Almeida Revista e Atualizada. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FISCHER, Gerson Joni. A construção da competência em ensino e pesquisa na área de Teologia Pastoral. *Via Teológica*, v. 17, n. 33, p. 31-56, junho/ 2016.
- FISCHER, Gerson. **O paradigma da palavra**: a educação cristã entre a modernidade e a pós-modernidade. São Leopoldo: IEPG e Sinodal, 1998.
- GOERTZ, Harald. **Allgemeines Priestertum und Ordiniertes Amt bei Luther**. Marburg: N. C. Elwert, 1997.
- GONZÁLEZ, Justo L. **Ministério**: vocação ou profissão: o preparo ministerial ontem, hoje e amanhã. São Paulo: Hagnos, 2012.
- GRÜN, Anselm. **O ser fragmentado**: da cisão à integração. 3. ed. Aparecida: Ideias & Letras, 2004.
- GUTHRIE, Donald. **Hebreus**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1983.
- HOLL, Karl. **Gesammelte Aufsätze zur Kirchengeschichte**. 4. e 5. ed., Tübingen: J. C. Mohr, 1927, v. 1.
- KIDNER, Derek. **Gênesis**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1979.
- LANGENSCHEIDT: **Taschenwörterbuch Portugiesisch**: Português – Alemão. Alemão – Português. Berlin e München: Langenscheidt, 2001.
- LOHSE, Bernhard. **A fé cristã através dos tempos**. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1981
- LUTERO, Martinho. À Nobreza Cristã da Nação Alemã, acerca da Melhoria do Testamento Cristão. In: **Obras Selecionadas: o programa da Reforma**: escritos de 1520. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 1989, v. 2.
 _____. Anotações de Lutero sobre a Epístola de Paulo a Tito. In: **Obras Selecionadas**: Interpretação do Novo Testamento – Gálatas - Tito. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 1989, v. 10.
- _____. Como Instituir Ministro na Igreja. In: **Obras Selecionadas**: Vida em Comunidade: Comunidade – Ministério – Culto – Sacramentos – Visitação – Catecismos - Hinos. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 2000, v. 7.
- _____. Direito e Autoridade de uma Assembleia ou Comunidade Cristã de Julgar toda Doutrina, Chamar, Nomear e Demitir Pregadores – Fundamento e Razão da Escritura. In: **Obras Selecionadas**: Vida em Comunidade: Comunidade – Ministério – Culto – Sacramentos – Visitação – Catecismos - Hinos. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 2000, v. 7.
- _____. Do Cativeiro Babilônico da Igreja. In: **Obras Selecionadas**: o programa da Reforma: escritos de 1520. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 1989, v. 2.
- _____. Tratado de Martinho Lutero sobre a Liberdade Cristã. In: **Obras Selecionadas**: o programa da Reforma: escritos de 1520. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia,

- 1989, v. 2.
- METRING, Roberte Araújo. **Pesquisas científicas**: planejamento para iniciantes. Curitiba: Juruá, 2009.
- ROBLES, Deusá Rita Tardelli. A ética do cuidar na contemporaneidade. In: **Revista Psicoteologia**, São Paulo, Ano XXI, n. 53, 2. Semestre de 2013, p. 29-34.
- SEGURA, C., Harold. **Além da utopia**: liderança servidora e espiritualidade cristã. Curitiba: Encontro, 2007.
- STORCK, Hans. Das allgemeine Priestertum bei Luther. In: **Theologische Existenz Heute**. München: Chr. Kaiser, Neue Folge 37: p. 01-55, 1953.
- STOTT, John R. W. **A Mensagem de Efésios**: a nova sociedade de Deus. 2. ed., São Paulo: ABU, 1987.
- VOß, Klaus Peter. **Der Gedanke des allgemeinen Priester – und Prophetentums**: seine gemeindetheologische Aktualisierung in der Reformationszeit. Wuppertal: R. Brockhaus, 1990.

